

CEDI - P. I. B.
DATA 16 / 01 / 87
COD. OXD 02



RELATÓRIO

O FAIÉ XAVANTE

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO
MATO GROSSO DO SUL

R E L A T Ó R I O

ETNOHISTÓRIA E IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA

O F A I É X A V A N T E

MAIO-1987

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS DUTRA

Com o presente Relatório, que ora encaminhamos à Fundação Nacional do Índio, pretendemos, não somente contribuir com informações históricas para a montagem do quadro referencial étnico do grupo Ofaié Xavante, como também fornecer elementos necessários que subsidiem esse órgão na adoção de encaminhamentos no sentido de identificar a área de terra ocupada por este grupo indígena. Dado as sérias necessidades por que passam os Ofaié-Xavante na atualidade, solicitamos a máxima urgência na constituição de um Grupo de Trabalho que efetue os estudos indispensáveis à caracterização e definição dos limites da terra habitada por esse grupo indígena, nos termos do art. 198 da C.F. e de acordo com o disposto no § 1º do art. 2º do Decreto nº 88.118/83.

Í N D I C E

	Página
I - ETNOHISTÓRIA OFAIÉ XAVANTE	4
1. As primeiras notícias	5
2. Com os Kaiowá e Kaingang	10
3. Perseguição e extermínio	13
4. Ciclo de forçadas migrações	15
5. Moticínio do Arroio Combate	17
6. Trabalhos da Comissão Rondon	19
7. O SPI e os primeiros aldeamentos	24
II - ENCAMINHAMENTOS OFICIAIS	27
1. Decreto nº 683 (do Estado do Mato Grosso)	28
2. Ofício nº 112 do SPI	30
3. Remessa nº 237 do SPI	31
4. Em terras da "Boa Esperança"	32
III - OS OFAIÉ XAVANTE HOJE	36
IV - PROPOSTAS DE ENCAMINHAMENTO	48
V - NOTAS BIBLIOGRÁFICAS	52
VI - RELAÇÃO CRONOGRÁFICA DA DOCUMENTAÇÃO	56
VII - BIBLIOGRAFIA	64
VIII - ÁLBUM FOTOGRÁFICO OFAIÉ XAVANTE	70
IX - ANEXOS	80

I - ETNOHISTÓRIA OFAIÉ XAVANTE

Opaié ou Ofaié (pronunciado com uma consoante imprecisa entre o "f" e o "p") é o nome que estes índios dão a si mesmos, e Xavante ("Chavante" ou "Shavante") é o nome que receberam dos neo-brasileiros e sertanejos que durante os primeiros séculos do descobrimento exploraram o Centro-Oeste do país (1).

Distinguem-se radicalmente de seus homônimos Xavante do Rio das Mortes (Xavante Akuên) e Xavante dos Campos Novos do Estado de São Paulo (Xavante Oti), com os quais em nada têm em comum, a não ser o fato de viverem todos eles no campo (2).

Linguisticamente classificados como um grupo isolado com intrusões do Gê (3), estes "primitivos habitantes do Brasil meridional" (4), na opinião de Nimuendajú, poderiam ainda ter alguma relação com os índios do Chaco (5). Não obstante, o Summer Institute of Linguistics, em 1958/9, num trabalho de análise fonêmica e morfológica junto a um grupo Ofaié Xavante, enquadrou-os definitivamente dentro da família Gê (6).

De estatura pequena, tímidos (7) e de índole extremamente pacífica, viveram sempre em pequenos grupos (8) que vagueavam pelos campos em constantes migrações (9). Pelos frequentes contatos, muitas vezes hostis, que travaram com os Kaiowá ao longo dos anos, nas margens dos rios, aprenderam o fabrico de canoas, tomando também o costume de perfurar o lábio inferior (10). Em tempos passados há registros de que somente perfuravam o lóbulo da orelha (11).

Costumavam dormir sobre o chão e não em redes. Talvez pelo tamanho e a pouca solidez de suas casas (12). Suas cabanas não têm paredes. Consistem apenas num teto de palmeiras que a-

tinge até o chão. Muito pequenas, medindo cerca de um metro de altura pela mesma medida ou pouco mais de profundidade, eram sustentadas por galhos de árvores rudemente arrancados (13). Nos períodos de frio, protegiam-se escavando no chão da cabana uma cova que era forrada de capim seco onde dormiam (figuras nºs 1 e 2).

Armavam acampamentos à beira dos riachos passando dias pescando ou colhendo mel silvestre. À menor suspeita de serem descobertos "invernavam-se" na mata. Quando era possível, faziam roças dentro das matas mais distantes, limpando a terra com duplo cuidado para que o mato não a invadisse. Lançavam as sementes e abandonavam o roçado para só voltar meses depois, quando pudessem colher a produção.

Historicamente classificados como coletores e caçadores, alimentavam-se também de insetos e frutas silvestres. Darcy Ribeiro relata que os Ofaié Xavante adquiriam uma das principais fontes de proteína de sua dieta, nas larvas que faziam crescer nos troncos podres das árvores (14). Grande parte dos usos e costumes deste grupo, entretanto, já foram registrados com reconhecida propriedade por Darcy Ribeiro (15), bem como notas sobre sua mitologia coligidas por Curt Nimuendajú (16), o que nos dispensa de maiores considerações.

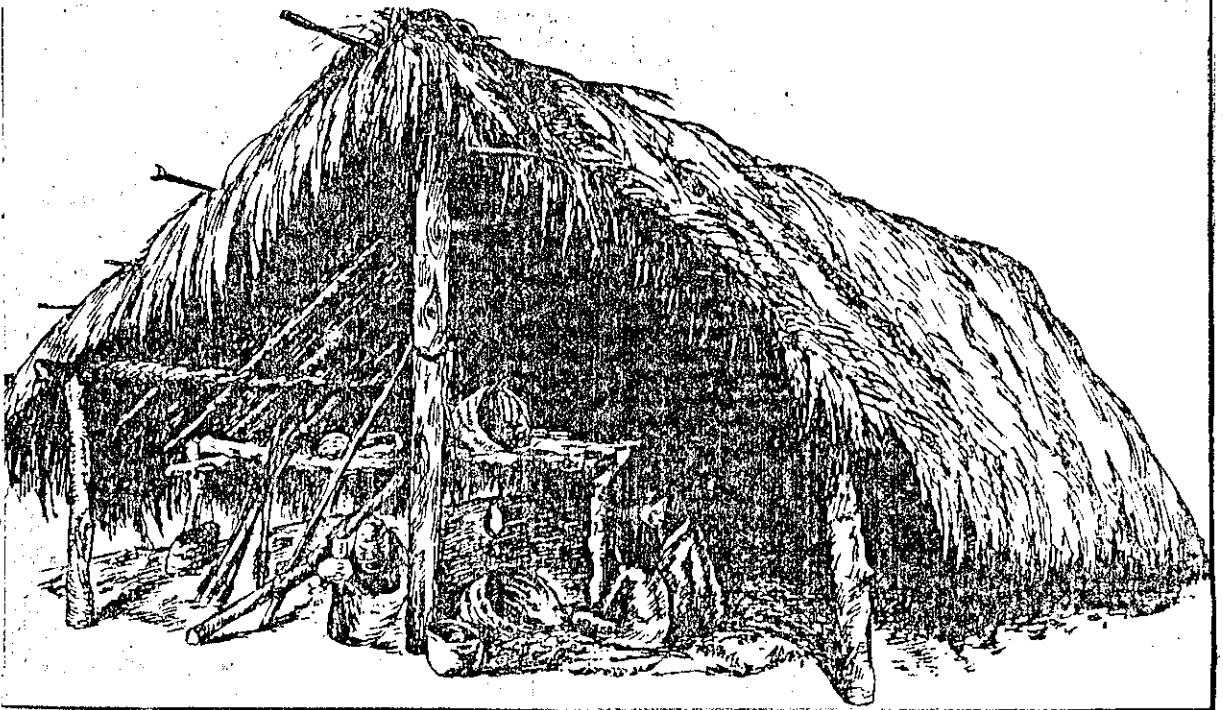
1. AS PRIMEIRAS NOTÍCIAS

As primeiras notícias que se tem dos índios Ofaié Xavante nos são fornecidas, a maioria delas, pelos viajantes e exploradores que em seus registros dignaram-se relatar a presença ou não, bem como algumas características sociais e antropológicas destes índios, nas regiões por onde passavam.

São as expedições do chamado ciclo do ouro da América portuguesa (figura nº 3), que desciam o rio Tietê e Paraná su

FIGURA Nº UM

construção Ofaié Xavante/Rio Pardo



Erich Freundt/1942

FIGURA Nº DOIS

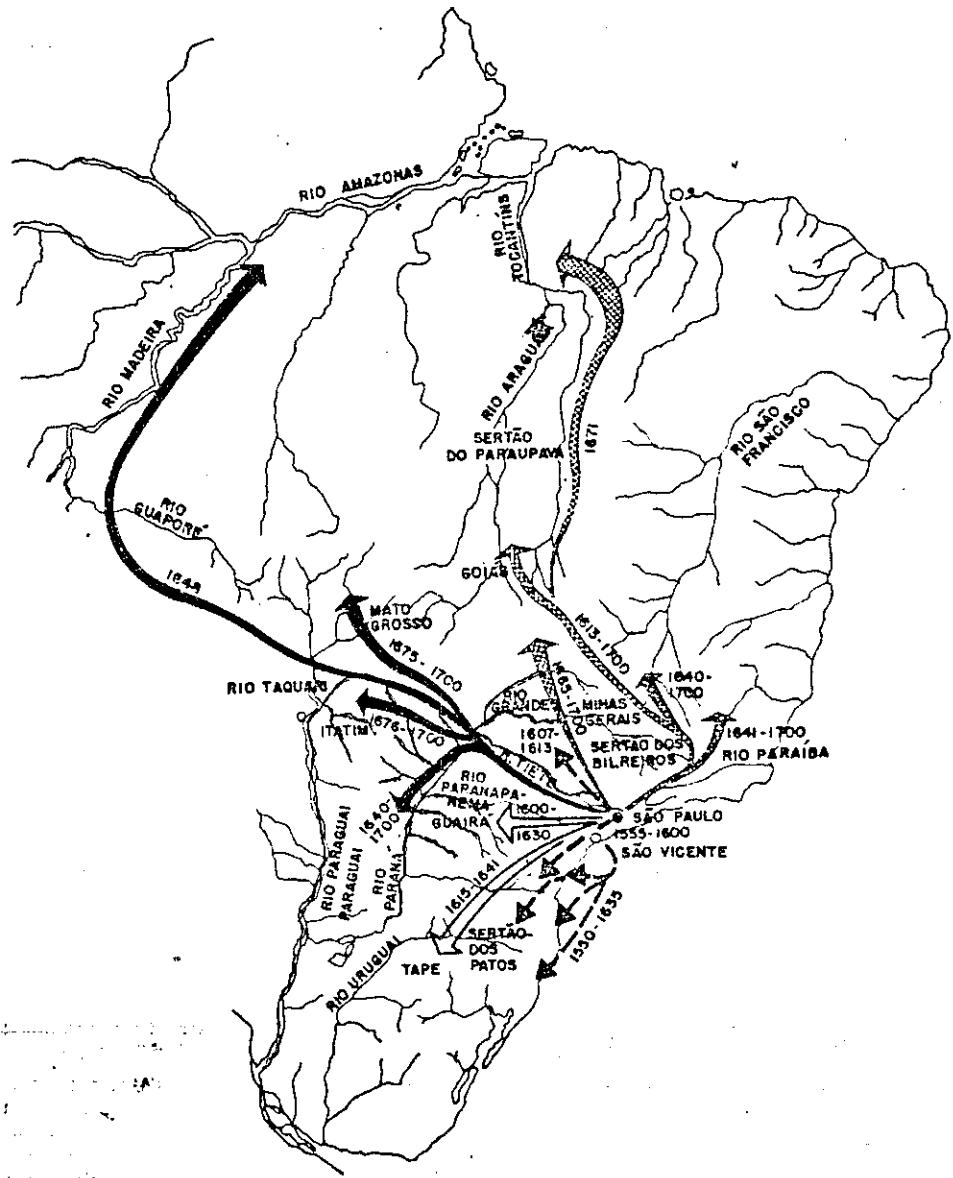





C.A. Dutra/1986

construção Ofaié Xavante/Bodoquena

"Índios em São Paulo: resistência e transfiguração/1984"

FIGURA Nº TRÊS



- EXPEDIÇÕES DE RESGATE, 1550 - 1650 
- BANDEIRAS DE GRANDE ESCALA, 1600-1641 
- EXPEDIÇÕES DE APRESAMENTO DE MENOR ESCALA, 1590-1700 

ORIENTAÇÃO GERAL DAS PRINCIPAIS EXPEDIÇÕES ESCRAVI-ZADORAS ATÉ 1700.

bindo o rio Pardo e Inhanduí até as terras de Aquidauana à procura, a princípio, de índios para escravizar e, depois, em busca de ouro nas minas de Cuiabá, que nos relatam os primeiros contatos com os Ofaié Xavante. Expedições como a de 1716 realizada por Antonio Pires de Campos (17), ou a de 1727 realizada por Pascoal Moreira Cabral, que era "apenas predadora de silvícolas como as que a precederam", ou ainda a de 1748 realizada por D. Antonio Rolim de Moura, que sulcou, "sem maior demora, o Rio Pardo, com suas 54 cachoeiras" e distraiu-se caçando perdizes, 'bastantemente' saborosas" (18). Consenso parece existir, entretanto, de que estes índios sempre habitaram a região compreendida entre a Serra de Maracajú e o alto Paraná (19).

Cronologicamente, a referência mais antiga que temos é o Mapa Etnográfico do Brasil, organizado pelo indigenista da Fundação Nacional do Índio, João Américo Peret (figura nº 4), onde localiza os Ofaié Xavante na margem direita do rio Paraná em direção a Oeste do Estado do Mato Grosso do Sul, já a partir do ano 1617 (20).

Depois, entre 1778 e 1817, encontramos o registro da expedição comandada por José Luiz Monteiro, a caminho do rio Caxipô, em busca de diamantes. Em junho de 1800 ele contata um índio da "nação Chavante" (21). Em 1826, o "país dos Chavantes" seria também mencionado por Hércules Florence em sua viagem fluvial do Tietê ao Amazonas. Neste relatório escreve o viajante: "esses índios, chamados Xavantes, são inimigos de toda a gente cristã. Por vezes têm-se procurado chamá-los: fazem sinal com a mão que nada querem conosco e agitam como ameaça os arcos e flechas" (22).

Em 1848, Joaquim Francisco Lopes, encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a Província de São Paulo e a de Mato Grosso pelo Paraguai, "debaixo da imediata proteção de

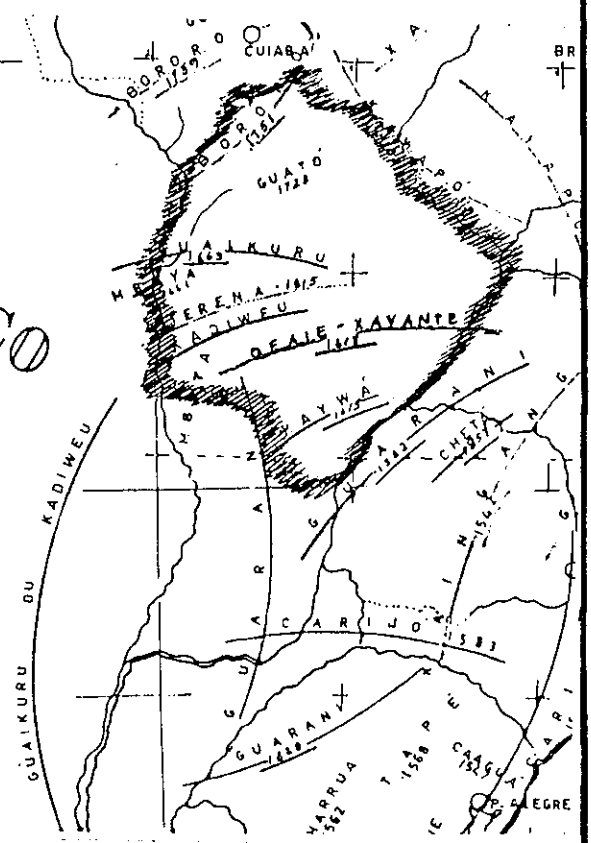
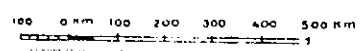
FIGURA Nº QUATRO

MAPA ETNOGRÁFICO DO BRASIL

ÍNDIOS DO PASSADO
(1500)

ORGANIZADO POR: JOÃO AMÉRICO PERET
(ÍNDIGENISTA)
Nº 1

ESCALA



in "Populações Indígenas do
Brasil" 1975

S.M.I. o Senhor D. Pedro II", conjectura a autoria de um incêndio na região "além do Paranapanema" aos índios "selvagens da nação Chavante" (23).

É necessário lembrar que desde o começo do século XVIII "as incursões luso-brasileiras na região não passaram de empreendimentos meramente desbravadores, realizados por bandeirantes que, em sua busca de metais preciosos, não podiam encetar uma ocupação civilizadora" (24). O que, à medida em que o tempo vai passando, a realidade, entretanto, começa a modificar-se. A crescente ocupação econômica do tipo pastoril, que a partir do século XIX cada vez mais interessa-se por novos pastos para seus rebanhos, iria influir determinantemente sobre os povos indígenas.

Neste período, os Ofaié Xavante ocupavam as cabeceiras dos afluentes do Paraguai (rios Negro, Taboco e Aquidauana) até as vizinhanças da Vila Nioac. Num relato intitulado "A conquista de Vacaria-1850/1912" Nimuendajú registra que, em represália a um "assalto" que os Ofaié Xavante teriam realizado nesta região, "foi organizada uma expedição na qual tomaram parte 8 praças do Destacamento de Nioac, e que acabou com moticínio geral entre os índios desprevenidos da primeira aldeia de Ofaié Xavante que encontraram" (25).

2. COM OS KAIOWÁ E KAINGANG

Acontece que os fazendeiros da região e também de Miranda começaram a subir a Serra de Maracajú estabelecendo-se nas vertentes do Paranã e nos Campos da Vacaria. Por volta de 1880, quando a procura destes campos economicamente apetitosos foi mais intensa, os Ofaié Xavante, para não serem exterminados como povos diferenciados, são obrigados a deixar suas terras. A grande maioria desloca-se para o Sul do Estado instalando-se junto ao Ribeirão Sa

mambaia; outro grupo, menor, refugia-se nos brejos do rio Taboco, afluente do rio Aquidauana. Conveniente lembrar que estes campos do Vacaria eram "justamente o centro da tribo, que daí se estendia até a divisa, seguindo pelos rios Brilhante e Dourados. A uns 60 km da barra deste rio, a divisa subia o espigão divisor entre ele e o Santa Maria" (figura nº 5).

Ao norte, os Ofaié Xavante dividiam suas terras com a nação Kaiapó que habitava o chamado Sertão de Camapuã, no alto Inhanduí, no rio Pardo e no rio Verde, mais ou menos até 24º 30' lat. S. O rio Paranã os separava dos Kaingang do Estado de São Paulo. E em vários pontos, de preferência na barra do rio Santo Anastácio, costumavam atravessar o Paranã e fazer suas "rançações" de caçadas na margem esquerda deste rio. Uma notícia de 1864 menciona a existência de 5 aldeias Ofaié Xavante em ambas as margens do rio Paranã, na zona das barras dos rios Tietê e Sucuriçu.

Em toda esta linha, vizinhavam com os Ofaié Xavante diversos bandos de Guarani que eram chamados, geralmente, de "Caiuã". As relações entre estas duas nações, registra Nimuendajú, embora datassem de longo tempo, nunca foram das melhores. Havia incurssões de ambas as partes, desde assaltos a raptos de mulheres e crianças. Em seu trabalho "Los mitos de creación y de destrucción del mundo como fundamentos de la religión de los Apapokuva-Guarani", o etnólogo menciona o nível de contato que se estabelecia entre Ofaié e Kaiowá: "Entre los Ofaié del Ivinhema hay algunos que han vivido largo tiempo entre los Guarani y muchos de ellos hablan siquiera algunas palabras de la Lingua Geral. El grupo que yo traje de la Vaccaria estaba sumamente guaranizado y todos los hombres y mujeres hablaban bien el Guarani" (26).

A este respeito, lembra Horta Barbosa, também os Kaingang tiveram contatos nada amistosos com os Ofaié Xavante ao

longo do rio Paran. "Nos assaltos contra os 'fogs', isto é, contra os ndios Oti de Campos Novos, os Ofai de Mato Grosso, os ribeirinhos do Paran e os civilizados, as armas de tiro figuravam, mas, ainda assim, são no começo da ação para atemorizar, desorganizar e provocar a debandada do inimigo" (27). Por ocasião destes assaltos, os Kaingang "não matavam as mulheres e crianças de seus inimigos ou adversários, mas, podendo, levavam-nas prisioneiras para as aldeias; uma vez aí, recebiam elas de seus aprisionadores tratamento idêntico ao que eles costumavam dar às suas próprias mulheres e filhos".

Um exemplo deste uso foi o observado no acampamento de Ribeirão dos Patos, pela Comissão de Horta Barbosa, quando fizeram-se acompanhar de uma moça e um rapaz tomados quando crianças de um grupo de Ofai Xavante que havia atravessado o rio Paran e fixado habitao em território paulista. Tratavam os jovens com carinho e cuidados iguais aos Kaingang; "aliás, 'Charin' comprazia-se em ser considerado como o pai do jovem casal e, ao contrário, mostrava-se aflito e descontente quando lhe lembrvamos a verdadeira nacionalidade e procedência dele" (28).

Em tempos mais modernos, também os Kaiow, adaptando armas de fogo e outras "vantagens da civilizao", ganhavam uma certa superioridade sobre os Ofai Xavante. E passam a organizar também as suas "correrias", especialmente com o fim de roubar crianças que eram vendidas depois aos "nacionais". O Kaiow "Nemb", morador do Ararib, na época em que Nimuendajú socorria esta aldeia, conta que chegou a tomar parte de algumas destas "entradas" (29).

3. PERSEGUIO E EXTERMÍNIO

Escrever a história dos Ofai Xavante, especialmen

te a dos primeiros habitantes dos Campos da Vacaria (hoje, município de Rio Brilhante), "seria só repetir uma imensidade de dados, roubo de gado e alguns assaltos por parte dos Ofaié. Se a morte de uma rez não podia servir de pretexto para as perseguições mais cruéis, organizavam-se bandeiras para pegar índios. Os que caíram na mão de seus perseguidores foram escravizados. Não existe abuso algum que estes prioneiros não tiveram que sofrer. Os seus perversos donos tornaram-se inventores engenhosos a fim de atormentá-los. Divertiam-se, por exemplo, amarrando alguns índios recém-pegados nas pontas de um laço e desferiam tiros no meio deles. Assustados pela descarga, os índios procuravam fugir para todos os lados, mas logo que o laço se esticava, caíam e arrastavam uns aos outros pelo chão, debaixo das gargalhadas dos sertanejos". O informante que narrou este episódio parece ter deixado bem claro ao iniciar o relato: "Mas o bicho é brutomêmo!", ao que Nimuendajū, "para não haver equívocos", fez questão de observar: "o termo 'bicho' se refere aos Ofaié" (30).

Os 5 anos de guerra contra o Paraguai, provavelmente, deve ter sido um período de relativo descanso para os Ofaié Xavante, pois, durante este tempo, em fins de 1864, fugiram todos seus perseguidores para o Norte e Leste do Estado, só voltando no pós-guerra. Um gesto de protesto, parece ter sido o ataque que os Ofaié Xavante deferiram contra o "pouso de João Pires" na margem esquerda do Vacaria, quando este retornava à região que havia deixado no início da guerra.

Mas as hostilidades entre índios e "civilizados" continuaram ainda por muitas décadas, especialmente quando grande parte do grupo ocupou o "espigão coberto de mato entre os rios Santa Luzia e Vacaria, onde era difícil de surpreendê-los devido à vigilância que ali mantinham". Permaneceram aí também por pouco tempo. No ano de 1886, perderam também este refúgio, sendo força

dos a abandonar o Vacaria e a retirar-se para o Leste. Antes de subir, porém, relata Nimuendajú, teriam realizado na região ainda dois "assaltos": um na fazenda de José Britto, em São Bento, na cabeceira do rio Vacaria e outro no engenho de Joaquim Barbosa, antigo fazendeiro da região, perto da barra do Passa-Tempo. "Mataram dois camaradas dele e feriram a um outro que escapou. Joaquim Barbosa persegue então os índios e quase os alcança, quando embarcavam no Ivinhema, onde desceram por este rio e fugiram. O índio que chefiou este assalto - segundo o Relatório - era conhecido como capitão Ignácio. Joaquim Barbosa encarregou, então, um grupo de 'Caiuã', moradores também desta região, de trazer as orelhas deste chefe, sob pena de serem todos degolados. Os 'Caiuã' meteram-se no mato atrás dos Ofaié e, logo depois, entregaram ao fazendeiro os troféus exigidos" (31).

4. CICLO DE FORÇADAS MIGRAÇÕES

Os Ofaié Xavante, assim, são forçados a emigrar para a zona da mata, ao longo dos rios Samambaia, Três Barras e Equiteroy (figura nº 5), onde a formação do terreno os protegia mais que nos campos abertos. Na divisa do Inhanduí ao Ivinhema, entretanto, a perseguição dos fazendeiros, mais do que nunca, também far-se-ia sentir. Sobretudo no ciclo que caracterizou o surgimento das fazendas, já com características modernas e constituídas de pastos de limitados por cerca de arame. Cercas que, se por um lado tornavam-se indispensáveis à contenção dos rebanhos nas glebas de seus proprietários, por outro, eram o maior impedimento ao livre trânsito dos índios habitantes destas regiões. Convém lembrar que, no ciclo anterior, desde as primeiras "descidas" de gado do triângulo mineiro em direção aos campos de Vacaria, até o início do conflito com o Paraguai, o gado não se circunscrevia a áreas cercadas, pois os extensos campos e o pequeno número de criadores disso não tinha necessidade. No ciclo seguinte, registra Roberto Cardoso de Olivei-

ra (32), face ao aumento da população regional e, conseqüentemente, com o aparecimento de novos fazendeiros, a disciplinação dos territórios foi inevitável.

Curt Nimuendajú, em janeiro de 1913, já mencionava que o gerente da fazenda dos Norte Americanos, no então município de Campo Grande, Coronel Feijó, mesmo sabendo que os F.F. Capuchinhos estavam estabelecidos na barra do rio Verde, não consentiu que os índios ali fizessem qualquer serviço, ameaçando que os expulsaria de lá, "pois os índios, apesar da catequese, estavam incomodando o pessoal da dita fazenda, espantando os camaradas do Retiro da Boa Esperança a 8 léguas acima da barra do Taquarussú, fazendo trilhos no mato" (33). Alertava também que a tribo Ofaié Xavante, em sua totalidade, encontrava-se dentro dos limites do terreno que os "Norte Americanos" compraram, e que compreendia toda a costa do rio Paraná "de um espigão ao Norte do rio Verde até o espigão divisor entre os rios Taquarussú e Pardo". Talvez por este motivo Nimuendajú receava que os "Americanos" lançassem mão de medidas violentas contra os índios.

Em 1900, relata o etnólogo, apresentou-se entre os moradores de Vacaria um "Chavante manso", camarada de um tal de João Nogueira, que há pouco havia se estabelecido no Córrego da Vaca Morta. O índio vinha tocando os bois de seu patrão "e deu em linguagem quase incompreensível parte de um desastre, causado pelos Chavantes". Logo então se aprontou um grupo de moradores da Vacaria para verificar o que realmente havia ocorrido. Chegando na Vaca Morta, acharam, espalhados entre o rancho, os cadáveres de João Nogueira e mais três pessoas que com ele moravam, já decompostos e comidos pelos animais. O rancho estava saqueado. Os sertanejos seguiram, então, em perseguição dos índios, chefiados por Manuel Nogueira, irmão do defunto. Descendo pelo rio Papagaio para o lado do rio Ivinhema, encontraram uma aldeia Kaiowá onde assassinaram 8 a 10

peessoas "pacíficas e inofensivas". Dizem uns que mataram estes Kaiowã por engano, convencidos de que eram Ofaié Xavante. Outros contam que os Kaiowã receberam os bugreiros de arco e flexa em punho, e que estes fizeram fogo sobre eles em legítima defesa...

5. MORTICÍNIO DO ARROIO COMBATE

D. Ramón Coimbra soube mais tarde que um dos bugreiros havia encontrado num rancho um objeto que ele reconheceu ser de propriedade do defunto, e que havia sido tomado como prova de que os Kaiowã tinham assassinado o fazendeiro. A verdade, confessa Nimuendajú, "será talvez que os bugreiros saíram resolvidos de matar quantos índios encontrassem e de acabar com a 'bicharia', fosse lá qual fosse a nacionalidade" dos índios. Isto porque, quando ainda não deram-se por satisfeitos com este morticínio, seguiram os bugreiros em rumo Leste para o rio Samambaia, atravessando-o e encontrando uma aldeia Ofaié Xavante onde mataram a todos que ali estavam. A água onde se deu o evento ainda hoje é chamada de Ribeirão Combate."

Este relato é confirmado pelo índio Ofaié Xavante, Otávio, na época com pouco mais de cinco anos, e também faz parte da oratória da maioria dos moradores das redondezas da Fazenda Porto Alegre, onde Darcy Ribeiro, em 1948, numa viagem para o Samambaia, teve a oportunidade de registrar. Na ocasião, observou o antropólogo, havia ao lado da sede da fazenda um imponente monumento de alvenaria com a seguinte inscrição: "filhos e companheiros que foram infelizmente trucidados pelos Chavantes em 19-04-1900" (34).

Dom Ramón Coimbra era um boliviano natural de Santa Cruz de la Sierra que veio para a região da Vacaria em 1896. Estimado "corregidor" da povoação indígena Santo Corazón, chegou ao Brasil acompanhado de 14 homens e 4 mulheres indígenas Chiquitos em

busca de trabalho na região, entregando-se logo à criação de gado. Em 1900, procura o cidadão Manuel da Costa Lima, fazendeiro de Inhanduí, que nesta época negociava com o Governo Estadual a abertura de uma estrada de rodagem de Santa Luzia à barra do rio Pardo, para oferecer "sua prática em relação ao trato com os índios", por ocasião da construção desta estrada, "protegendo-a dos perigos de assaltos". Em 1903, Don Ramón muda-se para o lugar chamado Aroeira, na margem esquerda do Vacaria, onde ele fez roças e entrou em contato direto com os "Chavante" que habitavam aquela região. Finalmente, em abril desse ano, o fazendeiro Manuel da Costa Lima chama Don Ramón para o serviço contratado, autorizando-o a reunir 30 camaradas. Seguiu Don Ramón, na ocasião, levando consigo 5 homens e 13 mulheres e crianças "Chavantes" (35).

O índio Otávio descreve que viviam numa aldeia na margem do Ribeirão a qual mais tarde passaria a chamar-se "Poe Kõra Fie" (Ribeirão Combate). Durante a madrugada foram atacados por um grande número de cavaleiros. Seus pais conseguiram fugir escondendo-se num pindaibal próximo, onde permaneceram até o dia seguinte; saíram somente à tarde para ver se os atacantes tinham ido embora, a fim de procurar um "irmãozinho" que, na precipitação da fuga, havia ficado para trás. Mas não tinham esperanças, pois sabiam que nestes ataques, via de regra, matavam todos os adultos e roubavam as crianças. Quando chegaram na orla do pindaibal seu pai viu que os homens ainda continuavam lá. Então, tomou as flechas e quis atacá-los para tomar o menino que brincava em volta da casa, mas sua mãe não deixou dizendo: "larga, ele já está mesmo no meio do perigo, vamos embora. Não tem mais jeito, vamos embora, senão nossa gente nos deixa para trás" (36). Os Ofaié Xavante pareciam ter um encontro marcado com a esperança e não podiam demorar-se.

Na cronografia dos contatos, são dignos ainda de registros a viagem que empreendeu Wieckhmann em 1900 pela República

do Paraguai, sudeste matogrossense e rio Paranapanema, quando contou com um grupo Ofaié Xavante (37). Em 1907, a Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo também fez referências aos Ofaié Xavante, juntamente com outros índios, por ocasião da exploração do rio do Peixe, afluente esquerdo do alto Paranã, quando houve, inclusive, encontro armado com turma da Comissão (38).

No final do século XIX, a mão-de-obra indígena viu-se incorporada à economia regional do Mato Grosso. Se antes havia servido de produtora de bens agrícolas para um comércio irregular, agora, sua vinculação à ordem social e econômica regional passa a institucionalizar-se, relegando o índio cada vez mais à condição de "peão" (39). O século XX, encontrará os Ofaié Xavante não de outra forma que não seja a de um grupo numericamente bastante reduzido.

O General Rondon, que em 1903 realiza o que se pode chamar de primeiro contato pacífico com estes índios, nos campos do rio Negro, estimou-os em 2.000. Em 1910, segundo informações, já seriam pouco mais de 900. A invasão sistemática dos criadores de gado, que praticamente os dizimou por abaterem suas "rezes como se fossem veados ou porcos selvagens" (40), fê-los dividirem-se cada vez mais em bandos. Isto, provavelmente, fez com que perdessem o contato entre si, determinando viverem assim espalhados, sem contudo, desvincularem-se dos costumes e da linguagem.

6. TRABALHOS DA COMISSÃO RONDON

Nos apontamentos dos trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas do General Rondon, numa clara referência aos esforços feitos pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios - SPI - em prol dos Ofaié Xavante das cabeceiras dos rios Taboço e Negro, registrava-se a necessidade de se "proteger a segurança pessoal e a vida" destes índios. Para isso, Cândido Rondon tentou

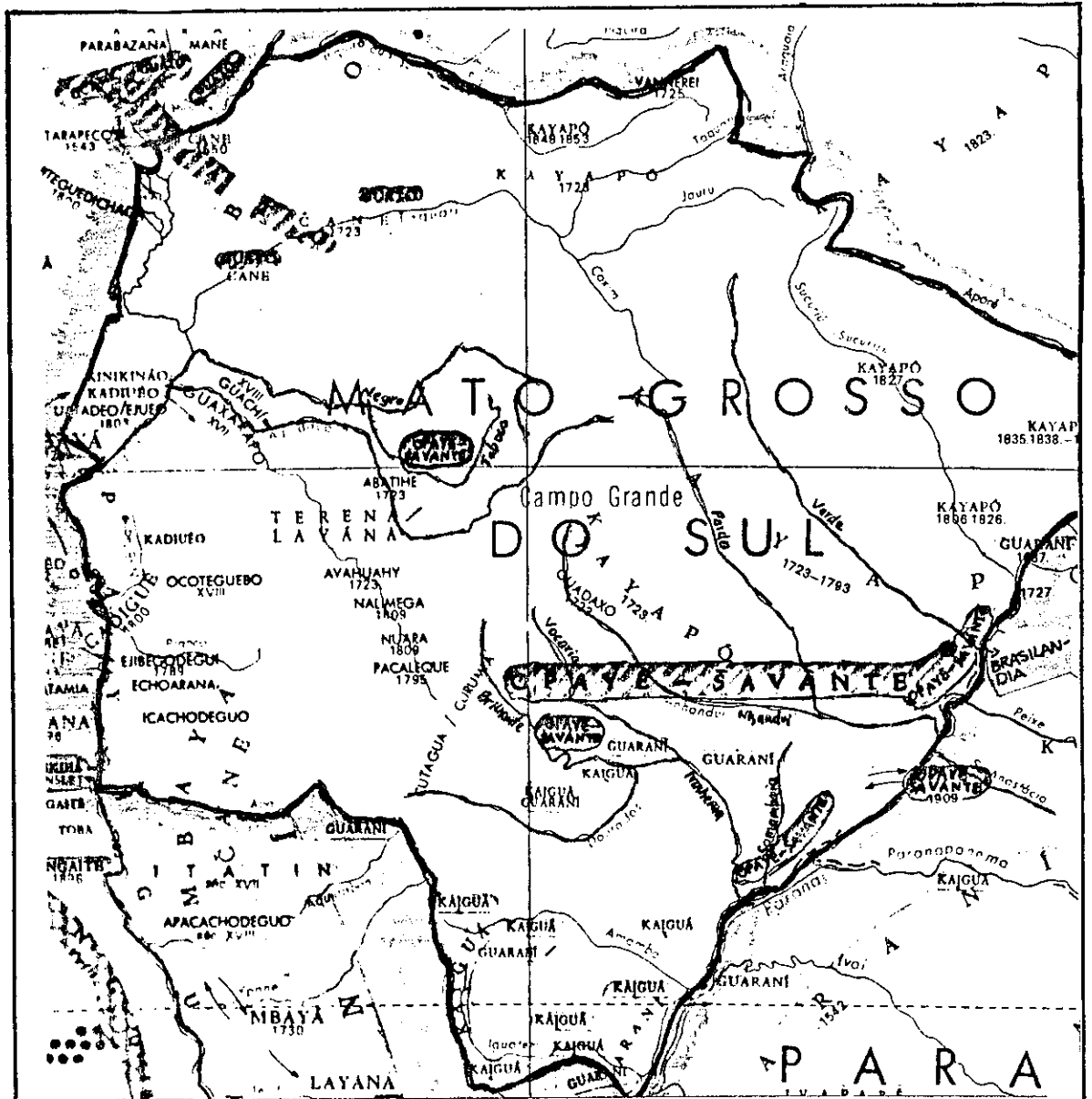
"desenvolver esta idéia de proteção aos Índios perante o Governo do Estado, por meio de representações e, verificada a ineficácia desse meio, dirigindo-se diretamente ao principal culpado das violências", conseguiu relativo cessar nas perseguições. "Tratava-se de salvar o que ainda restava da tribo de Ofaié" relata a Comissão. Em verdade, estes índios "estavam sendo sistematicamente 'caçados' e exterminados a tiros de carabina pelo Coronel José Alves Ribeiro, sob o pretexto de que matavam, para comer, as rezes de suas fazendas" (41).

As informações de maior peso etnológico, entretanto, se deve a Curt Nimuendajú que visitou inúmeras aldeias Ofaié Xavante durante o período de 1909 a 1913 (figura nº 6). O vocabulário por ele coligido na região do rio Ivinhema, Vacaria e barra do rio Verde, por exemplo, fornece os elementos necessários ao estudo que possibilitou a classificação desta língua como isolada com intrusões Gê (42). Permite, além disso, a quem possa interessar, identificar, inclusive, os lugares comuns onde imemorialmente os Ofaié Xavante habitaram. Basta observarmos os topônimos perfeitamente "traduzidos" em língua-mãe.

Entre a toponímia utilizada destacamos o nome de alguns rios comuns aos Ofaié Xavante: rio Paranã (Keregawa-tá); rio Pardo (Pi-kieédn); rio Verde (Xyurú); Ribeirão Ivipiranga (Xanekxe-sejekíji-fíe); rio Taquarussú (Têxekwie-eg-fíe); rio Ivinhema (Woke-ôg-fíe); Ribeirão Laranjalzinho (Hopâr-og-fíe); rio Samambaia (Kre-ôg-fíe); Ribeirão Combate (Poe kôra-fíe); Ribeirão Três Barras (Yakêw-og-fíe), entre outros (43).

Com a criação do Serviço de Proteção aos Índios, em 1910, bem como com os trabalhos de ligação entre Baurú e Porto Esperança, pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, concluída em 1914, as áreas ocupadas por indígenas começaram a ser reservadas pelo Estado do Mato Grosso, através de Decretos, Atos firmados pelos então Presidentes de Estado, ou através de Resoluções expedidas pelas Câ-

FIGURA Nº SEIS



**MAPA ETNO-HISTÓRICO
DO
BRASIL
E REGIÕES ADJACENTES**
ADAPTADO DO MAPA DE CURT NIMUENDAJÚ
1944

maras Municipais (44).

Para a concretização de muitas destas áreas foram decisivos os Relatórios da Comissão das Linhas Telegráficas a que já nos referimos. Em um destes relatórios, coligido na fronteira do Paraguai, Campos da Vacaria e vale do alto Aquidauana, em 1905, foi possível atestar de uma vez por todas a presença de índios da "nação Ofaié" no trecho do rio Paraná compreendido entre a barra do rio Pardo e a do Samambaia. Relata o então Major Engenheiro Cândido Rondon que na Fazenda do Campeiro teve a oportunidade de "ver um índio menor, da nação Ofaié, escravizado pelos fazendeiros da Vacaria" (45).

De igual importância são as descrições das danças e instrumentos musicais Ofaié Xavante organizadas por Henri Manizer, em 1914, quando de sua visita ao grupo que habitava a região do rio Taboco, município de Aquidauana (46).

O General Malan, em seu "Esboço Descritivo e Estatístico da Região Sul de Mato Grosso" relata também um encontro que os oficiais sob seu comando tiveram com um "bando" de Ofaié Xavante que "se extinguia rapidamente", juntamente com um grupo de Kaiowá. Nesta ocasião, o general teve a oportunidade de registrar e divulgar, certamente, umas das primeiras fotografias que se tem notícia destes índios.

Em setembro de 1924, narra que "estávamos acampados em Porto Quinze quando, ao recolher a linha telefônica de campanha, a turma de sapadores encontrou, de imprevisto, um grupo de índios Chavantes, que vinha rastreando o destacamento vasculhando nos sobejos dos bivaques. A princípio amedrontados, estes índios foram chegando aos poucos, animados pelas praças. Causa de suma estranheza lhes foi o automóvel: abaixavam-se para identificar a

causa do movimento e do ruído, riam infantilmente e, por fim, mais confiados, aceitaram deixar-se transportar. Vieram até Porto Quinze e demoraram dois dias no acampamento. São já civilizados no sentido de se vestirem sumariamente, de terem um 'língua', o Capitão ou Cacique, falando português, e conhecerem o valor, senão do dinheiro, pelo menos dos objetos pelos quais trocam arcos e flechas. Diversos oficiais foram visitá-los na taba construída com folhas de palmeira entrecruzadas. Alguns desses índios já estiveram em fazendas próximas: mas pouco se demoram, reverterem à vida primitiva e vão incorporar-se à pequena tribo, logo que sentem a primeira saudade dos campos. Deram-nos ligeira exibição de suas habilidades em atirar flechas: ainda não sabem utilizar as armas de fogo, porém, apreciam a ferramenta de corte e conhecem, infelizmente, o álcool, de que abusam quando podem" (47),

O Relatório do Tenente Vicente de Paulo Vasconcellos, quando prestava conta de sua "assistência aos Chavantes do Sul do Mato Grosso" registra também que estes índios habitavam principalmente "o fundo da zona compreendida entre o Ivinhema e o Riacho Três Barras". Descreve que os Ofaié Xavante aos poucos concentravam-se cada vez mais, "compelidos pela nossa gente que lhes ia tomando as terras", não havendo, na ocasião, recursos suficientes para a subsistência do grupo. "Não raro se viam forçados a fazer longínquas excursões, indo mesmo até o rio Verde, resultando daí a disseminação de turmas mais ou menos numerosas em diversos pontos das margens do Paranã onde encontravam mais recursos".

Segundo informações dos empregados da Companhia de Viação de São Paulo-Mato Grosso que, graças à sua humanitária orientação, "ajudava" os índios com alimentação, presentes e roupas, havia muitos "Chavantes" na barra do rio Taquarussú (Orelha da Onça). Também nesta época o Tenente Vasconcellos excursionou por este rio com a finalidade de reuni-los "com os seus naturais" no

"Três Barras". Entretanto, em 21 de setembro de 1911, precisou deixar a região, ficando encarregado de dirigir o "serviço" o Sr. Ramón Coimbra (48).

A uns 200 metros deste rio, o Tenente encontrou em torno de 15 "faé" (Ofaié Xavante) que disseram não haver mais deles no rio Taquarussú. Quando lhes foi perguntado por que motivo cruzaram o Paranã ocupando as terras da outra margem, do lado paulista, "onde havia muito 'Coroado' de que eles tinham tanto medo", responderam que os "Coroados" estavam muito longe e que "Xiuié agoniê" (gente brava, referindo-se aos "civilizados") estavam matando-os do lado de cá. No Porto Tibiriçã, o mesmo relatório menciona uma lista de 22 índios da região do Sapé, com seus respectivos "apelidos indígenas". Este grupo habitava de preferência o último trecho do Três Barras, os lagoões, o Samambaia e a margem esquerda do Ivinhema. Os Kaiowá nesta época ocupavam a margem direita deste último rio (49).

7. O SPI E OS PRIMEIROS ALDEAMENTOS

Em agosto de 1912, Frei Affonso, Provincial dos Menores Capuchinhos, solicitava ao Congresso Estadual de São Paulo a "cessão gratuita de uma área de duas léguas quadradas, ou seja 14.400 hectares, das terras devolutas situadas à margem esquerda do Paranã, no vale do Ribeirão das Marrecas", pois sua "ordem" religiosa necessitava, para seu trabalho de catequese, uma área situada nas proximidades "das atuais aldeias dos índios 'Coroados', Guarani, 'Xavante' e 'Cayuã' que habitavam as regiões do Paranapema e Paranã" (50). Em dezembro do mesmo ano, este requerimento é enviado ao Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (51). Entretanto, dos encaminhamentos ulteriores, não se obteve informações.

A notícia seguinte consta do Relatório de 1913 do

Serviço de Proteção aos Índios, que dá conhecimento de um grupo de "Chavantes", vítima da exploração pelos embarcadores, que vive em constante perambulação pelas fazendas do rio Negro. Cita o grupo Ofaié Xavante do rio Ivinhema, que é "também merecedor da proteção" daquele órgão (52).

Nesta época, convém frisar, o Serviço de Proteção aos Índios subordinou, provisoriamente, a parte sul do Estado do Mato Grosso, "localizada entre os rios Paraguai e Paranã", à jurisdição da Inspeção do Estado de São Paulo, que melhor poderia atender - "com o auxílio da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil" - as necessidades do serviço, "especialmente com relações aos índios 'Chavantes', Terena e 'Caduvéus', já pacificados" (53).

Ainda do Serviço de Proteção aos Índios, a correspondência de Adriano Metello, de janeiro de 1911, registra que "os indígenas da bacia do Paranã ainda necessitam de Catequese, pois a grande nação Chavante ainda vive nas selvas, escorraçada pelos invasores de seus campos. De estatura pequena, tímidos, meigos quando amigos, estes pobres selvagens têm sido vítimas das mais atrozes perseguições". Nesta ocasião, o ajudante do S.P.I. julgava que fosse necessário firmar "duas porções de campos devolutos" para estes índios. Uma reserva "entre o Taquarussú e o Pardo ou entre o Taquarussú e o Verde para a localização dos Chavantes". E outra, mais ao sul, para os Kaiowá que habitavam a margem do Ivinhema (54).

Curt Nimuendajú em 1913 relata que, na barra do rio Verde, quando foi visitar o "sítio dos F.F. Capuchinhos", observou que, tanto no terreno da casa dos frades como na beira de uma lagoa a 60 metros daquela, havia "uma dúzia de ranchinhos que serviam de abrigo para os índios Ofaié". Para o etnólogo, entretanto, só o plano de atrair os índios para aquele ponto, onde a maioria dos habitantes já estavam vitimados pela febre, consistia um crime. Os próprios frades, há tempo, encontravam-se doentes e

de cama: "dois deles extremamente pálidos e enfraquecidos demonstravam, com seu estado de saúde, o grande erro cometido na escolha deste sítio". Disseram-lhe os frades que às vezes chegavam até 30 índios naquele local. No dia em que Nimuendajú lá se encontrava havia somente oito índios, alguns deles já sofrendo de "maleita".

Em 16 de março desse mesmo ano, Nimuendajú desce o rio Verde pela margem direita do rio Paranã "a fim de achar os trilhos dos Ofaié e de entrar em contato com eles", mas já não os encontra mais aí. Parece-lhe, também, "que os Ofaié não frequentam mais as margens do Taquarussú". Estava certo, porém, que no Ivipiranga ainda havia índios. "No curso superior destas águas, onde ela é conhecida por Boa Esperança, os índios até hoje aparecem numa fazenda dos 'Norte Americanos'. Mataram há pouco tempo gado lá e espantaram os vaqueiros. Se eu tivesse recursos (...), achava necessário de visitar aquele local para ver a situação e aconselhar os moradores de não matar os índios...".

Dias após, em 30 de março de 1911, o etnólogo relata que, subindo o rio Ivipiranga - o "Xenekxi-xejekiji-fie" = "água onde morreu Xanekxi" dos Ofaié Xavante -, a uns 4 km acima da barra, encontrou uma grande canoa com dois remos, na margem esquerda deste rio. Os vestígios eram de alguns meses antes. Continuando sua descida pelo Paranã, passando pela barra da "água do Coqueiro Grande", identifica aí "na cabeceira deste córrego, o lugar onde os Ofaié costumavam fazer suas festas e onde eles tinham roças e uma casa de dança que depois queimou, conforme contou o índio José Braga "Eköherê". Pouco mais abaixo, descendo o pé do Barranco Vermelho ("Hetê hagnueaxéo" dos Ofaié Xavante e "Yvy-aminã-guaçú" dos Kaiowá), Nimuendajú entra na barra do Taquarussú e alcança o Rio da Orelha de Onça (que os Ofaié chamam de "Texekuiêg-fie" = "água de uma certa qualidade de abelha"), encontrando vestígios de aldeias em todo o correr do Paranã (55).

Dias depois, Nimuendajú registra que os Ofaié Xavante daquela região já seriam um número muito baixo, "uns 40 ou 50, quando muito". Permaneciam, entretanto, os índios reunidos no "Posto de Ivinhema", na margem esquerda deste rio, vinte léguas abaixo de sua confluência com o Vacaria. O Relatório do Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, de 1913, menciona que, em 1911, a Inspeção do S.P.I. já socorria esses Ofaié, juntamente com os Terena, Kadiwéu e Kaiowá do Sul do Mato Grosso. Havia, nessa oportunidade, cerca de 200 índios Ofaié Xavante, "recentemente saídos das matas, mas já entregues a trabalhos de agricultura" (56).

Este parece ter sido o último reduto dos Ofaié Xavante nessa época, uma vez que a própria Inspeção tenta juntar a este grupo também os "Chavantes do Rio Negro". Depois houve várias tentativas de órgãos governamentais preocupados com a sobrevivência do grupo, no sentido de encaminhar alguma forma de garantia para eles. No entanto, o máximo que se conseguiu foi jogá-los de um lado para outro. Como se não bastasse a sistemática perseguição por parte dos fazendeiros que diuturnamente os "engoliram" privando-os do mais fundamental dos direitos que é o direito à vida e a um lugar para viver, agora são massa de manobra dos interesses oficiais, no mínimo questionáveis.

II - ENCAMINHAMENTOS OFICIAIS

Entre os encaminhamentos oficiais que dispomos, registramos aqueles que representam especial importância para os índios Ofaié Xavante por estarem diretamente relacionados a uma questão várias vezes colocada e nunca efetivamente resolvida: o problema de se garantir terra para estes índios. Passamos, agora, a observar alguns documentos que podem ser considerados como referenciais a futuros e necessários procedimentos administrativos.

1. DECRETO nº 683 (DO ESTADO DO MATO GROSSO)

O Decreto nº 683, de 20 de novembro de 1924 (Gazeta Oficial), onde o 1º Vice-Presidente do Estado do Mato Grosso, em exercício, atendendo à solicitação do Serviço de Proteção aos Índios, decreta a reserva de duas áreas de terras devolutas de 3.600 hectares cada uma, - uma para os Ofaié Xavante e outra para os Kaiowá - parece ser o documento de maior peso. Este decreto confirma os dados etnohistóricos de uma área ocupada pelos Ofaié Xavante, bem como também reconhece o contato deste grupo com os Kaiowá.

Reza o Decreto que a primeira área seria destinada ao "aldeamento dos índios 'Cayuás', na parte inferior do rio Samambaia", e a segunda seria "destinada ao aldeamento dos índios 'Chavantes' à margem esquerda do rio Samambaia, que limitará pelo lado Oeste com as linhas Norte e Sul, devendo correr aproximadamente a distâncias iguais ao montante e à jusante da embocadura do riacho denominado Chavantes", ambas no então município de Campo Grande.

Este documento, cabe lembrar, ao garantir esta área para os Ofaié Xavante, nada mais faz do que reconhecer uma ocupação indígena que data de tempos imemoriais. Por outro lado, é a formalização explícita de uma situação de fato, pois, na verdade, o "Posto do Ivinhema", situado nesta área, oficialmente já existia desde o ano de 1911. Há 13 anos da concretização deste Decreto, em sua época menos prolífera, este "Posto" contava com cerca de 200 índios.

Entretanto, os procedimentos legais posteriores à proclamação deste Decreto contaminaram-se da costumeira "amnésia" porque passa a grande maioria dos órgãos públicos, sobretudo quando envolvem decisões que beneficiariam populações socialmente marginalizadas. Como não poderia ser diferente, a questão das terras dos Ofaié Xavante seria "esquecida" por nada menos que 28 anos.

A BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro



GAZETA OFFICIAL

1924



Estado de Mato-Grosso

Quinta-feira, 27 de Novembro de 1924

GUIABA

Anno XXVI — N. 5195

Poder Executivo DECRETOS

N. 683.—O 1.º Vice Presidente do Estado de Mato-Grosso, em exercicio, attendendo á solicitação do Inspector do Serviço de Protecção aos Indios, contida no officio n. 352 de 22 de Outubro ultimo, e de accordo com o art. 90 do Decreto n. 130 de 4 de Junho de 1902,

Decreta:

Art. Unico.—Ficam reservadas duas áreas de terras devolutas de 3.600 hectares, cada uma, sendo a primeira destinada ao aldeamento dos indios Cayuás, na parte inferior do rio Sambambaia, limitando a leste com a bahia grande; ao Sul, com o rio Baile e por outros lados com terras devolutas, e a segunda destinada ao aldeamento dos indios Chavantes, á margem esquerda do rio Sambambaia, que limitará pelo lado Oeste com as linhas norte e sul, devendo correr approximadamente á distancias iguaes á montante e á jusante da embocadura do riacho denominado chavantes, ambas no municipio de Campo Grande; revogadas as disposições em contrario.

Palacio da Presidencia do Estado em Cuiabá, 20 de Novembro de 1924.

*Dr. Estevão Alves Correa.
Virgílio Alves Correa Filho.*

N. 684.—O 1.º Vice Presidente do Estado de Mato Grosso, em

exercicio, attendendo á solicitação do Inspector do Serviço de Protecção aos Indios, contida no officio n. 352 de 22 do mez de Outubro ultimo, e de accordo com o art. 90 do Decreto n. 130 de 4 de Junho de 1902

Decreta:

Artigo Unico,—Fica reservada para aldeamento dos indios Cayuás, no lugar denominado "Rincão Bomfim", municipio de Ponta Porã, uma área de 3.600 hectares de terras devolutas no districto de Dourados, limitando com terras requeridas por Jeronymo Bicca; revogadas as disposições em contrario.

Palacio da Presidencia do Estado em Cuiabá, 20 de Novembro de 1924.

*Dr. Estevão Alves Correa.
Virgílio Alves Correa Filho.*

Enquanto isso, este grupo sofre silencioso genocídio, sistemático e sempre eficaz. As disponibilidades das riquezas naturais, em decréscimo pela ação das fazendas, e as patas do boi, que assombram nesta época os campos sul-matogrossenses, corroboram para o extermínio dos Ofaié Xavante, incentivado até mesmo por indigenistas consagrados que, de forma decisiva, contribuíram nesta corrida para o Oeste (57).

Não podemos precisar até que época o Posto de Ivinhema existiu. Em 1921, sabe-se, o Serviço de Proteção aos Índios ainda o mantinha. Depois, as informações diluem-se em meio a dificuldades práticas que vão desde nossa escassa e nem sempre disponível historiografia às cinzas dos documentos oficiais, inadvertida ou criminosamente destruídos.

2. OFÍCIO Nº 112 DO S.P.I.

A referência seguinte é a constante do Ofício do Inspetor da I.R.-5 de Campo Grande que inclui a "Reserva Samambaia" no rol das terras reservadas pelos Governadores e Presidentes do Estado aos índios. Em outubro de 1952, o referido Inspetor já havia se dirigido ao Delegado Especial de Terras e Colonização daquela cidade, referindo-se a este Decreto. Mencionava que "os regimentos legais, tais como as plantas dos levantamentos dos lotes de terra", encontravam-se todos no Registro Integral de Títulos e Documentos no Tabelionato de Rio Brilhante.

Registre-se que, neste Ofício, o S.P.I. já demonstrava preocupação com os desmandos das administrações públicas. Alertava que "indivíduos aventureiros movidos por interesses gananciosos de lucros fáceis nessa desabalada corrida às terras férteis deste Estado" estavam "requerendo lotes das glebas reservadas por Decreto" aos índios que pacificamente já as ocupavam. Cumpria aque

la Chefia, na ocasião, "o indeclinável dever funcional de alertar a essa Diretoria de Terras no sentido de evitar despachos de cessão de terras, talvez maliciosamente ditas devolutas e que venham ferir frontalmente dispositivos estabelecidos em Decretos estaduais e federais" anteriormente firmados.

Entretanto, passado um ano desta remessa, em dezembro de 1953, o Chefe da 5ª Inspeção Regional de Campo Grande ainda não havia conseguido sensibilizar a Diretoria de Terras e Colonização, tal era o número de interessados que ali acorriam à espera de serem despachados. Também a Inspeção de Cuiabá (I.R.-6) reconhecia que era "demoradíssimo se tratar com a Delegacia de Terras". Não obstante, lembra a Inspeção, "os mapas da área das terras dos 'Xavantes', reservadas pelo Decreto 683" certamente poderiam ser encontrados na referida Delegacia. Encontrados ou não, a história desse Documento, na verdade, não conseguiu romper com a teia de interesses que buscavam dificultar a reserva destas terras para os Ofaié Xavante, assim como a morosa burocracia tão comum a encaminhamentos desta natureza.

3. REMESSA Nº 237 do S.P.I.

Outro documento de relevante importância, data de 1949, quando o General Cândido Rondon, como Presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, obtém informações sobre as terras dos Ofaié Xavante que lhes são fornecidas pelo Coronel Nicolau Bueno Horta Barbosa, na época ex-chefe do I.R.-5. Nessa remessa testemunhava "a realização da incumbência recebida do Inspetor Estigarribia pelo auxiliar Pimentel Barbosa" em favor destes índios.

Cita o Documento que "na margem esquerda do baixo Rio Brilhante ou Ivinhema" existem no terreno traços que serão facilmente encontrados "se buscados por pessoas capazes". Contestando

a propriedade daquelas terras, atribuída ao Coronel Quincas Nogueira, morto por volta de 1938, reconhece aquele local como sendo aldeia indígena. Isto também porque os herdeiros do Coronel Nogueira "jamais obtiveram o reconhecimento legal da ocupação", o que permitiu estas terras ficarem ao alcance "legal" de quem as requeresse.

Indica também este Documento a existência de "relatórios e desenhos", referentes ao desempenho do "prestimoso auxiliar" Pimentel Barbosa, que poderiam ser encontrados na sede da 6a. Inspeção Regional de Cuiabá. Também poderiam informar se efetivamente foi pedido e obteve-se do Estado o respectivo Decreto da área em questão. Num discutível argumento contra a probabilidade da existência e veracidade deste documento, que comprova a demarcação de uma reserva para os Ofaié Xavante, o Coronel Horta Barbosa, entretanto, arguiu contra o referido auxiliar, alegando que ele "não teria podido fazer demarcação legalmente autorizada, por falta de título de habilitação profissional".

Qualificado, ou não, o fato é que esta remessa, na pior das hipóteses, serve para legitimar e reforçar a preocupação por parte do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, daquela época, em relação aos Ofaié Xavante. Não obstante, a questão, provavelmente depois de ter sido examinada pelo Coronel da Reserva do Exército Ramiro Noronha, que não emitiu parecer algum, caiu no esquecimento. Tempo em que, forçosamente, os Ofaié Xavante resistiram às piores dificuldades frente a um contexto totalmente adverso, que disputava com eles os espaços livres que ainda restavam dentro de seu território.

4. EM TERRAS DA "BOA ESPERANÇA"

Por volta de 1950, o grupo do rio Samambaia e Ivinhema emigrou, em sua grande maioria, para as redondezas da Fazenda

Boa Esperança, no então município de Três Lagoas, juntando-se aos demais parentes seus que há tempo já haviam feito este percurso dos Campos da Vacaria em direção ao rio Verde, ao longo da margem direita do Paranã. Fixaram suas aldeias provavelmente por toda esta região, notadamente em terras que mais tarde integrariam a Fazenda Boa Esperança, de onde foram expulsos em 1952.

Esta expulsão, convém lembrar, levou a 5.^a Inspetoria Regional de Campo Grande a proferir uma diligência chefiada por Francisco Ibiapina da Fonseca com a missão de percorrer as margens do Samambaia e Paranã, onde se encontravam aldeados os índios Ofaié Xavante e Kaiowá na época. A Ordem de Serviço determinava, em setembro de 1953, que o mencionado servidor deveria dirigir-se "à cidade de Três Lagoas e ali tivesse com o Sr. Delegado de Polícia", combinando um modo de prosseguir viagem, indo até onde se encontravam os índios Ofaié Xavante, afim de proceder o "recenciamento de todos, ouvir os índios sobre onde era sua primitiva aldeia, indagar e anotar (...), tomar nota da distância entre Três Lagoas e onde estão esses índios, bem como aonde possa serem localizados; ouvir e anotar as informações dos 'civilizados' que conhecem esses índios, especialmente aqueles que souberam que os índios foram expulsos de sua aldeia...".

Este interesse do Serviço de Proteção aos Índios com relação à história atual e pregressa deste grupo, num primeiro momento pode ser visto como um sinal de real empenho desse órgão no sentido de assisti-los de forma conveniente. E esta intensão efetiva-se quando o S.P.I. decide aldear estes índios. O Chefe da I.R.-5, em Ofício ao Presidente da Câmara Municipal de Três Lagoas, menciona que o "grupo de índios 'Chavantes' que meses antes vagava - como judeus errantes - por este município, constando terem sido expulsos da Fazenda Esperança", graças às autoridades e ao povo de Três Lagoas, hoje encontram-se "aldeiados nas proximidades da ponte do Rio Verde, por esta Inspetoria".

Segundo informações que nos são confirmadas hoje pelo índio Ofaié Xavante Alfredo, "na beira do rio Verde, do lado de cá, ali prá cima, prá cima da ponte tem três que morreu lá, tá lá enterrado e jogado, agora tá mato lá (...). E lá tem uma aldeia, também todo o lugar tem aldeia, (também) mais prá lá do rio Pardo tem. Nós não parava, nós andava só assim, muda prá lá, outro troca prá cá. A vida é assim". O octagenário Alfredo, hoje de volta a sua antiga região, no município de Brasilândia, lembra os nomes dos que estariam enterrados nas margens do rio Verde. "O pai do Tomé também morreu lá, prá cá da beira do rio Verde. Tá lá, enterrado lá. Lá acho que morreu dois, três mulher morreu lá e o pai do Tomé. E o pai do Felipe também morreu lá. Tá tudo lá jogado no mato...".

Entre os encaminhamentos protocolares registramos o Ofício da 5ª Inspeção Regional dirigido ao Prefeito Municipal de Três Lagoas agradecendo a atenção dispensada aos "primitivos e verdadeiros donos do Brasil, resto de uma grande nação matogrossense, que, a se confirmar terem sido de fato expulsos, merecem a punição devida aos usurpadores de suas terras, terras que Deus lhes deu para viverem". Inicia-se, assim, ao que parece, uma preocupação oficial no sentido de apurar-se os fatos e criar um Posto Indígena para atender a esses índios. Chegou-se a providenciar uma solicitação encaminhada ao Prefeito Municipal de Três Lagoas no intuito de angariar seu "valioso apoio junto às autoridades do Estado (...) para a legalização de uma área de Terras" para os Ofaié Xavante.

Não obstante o empenho diplomático da I.R.-5 esmerando-se em carrear apoio e alianças com vários segmentos da região, no plano jurídico efetivamente nada aconteceu. Ao contrário, sabe-se que outro grupo Ofaié Xavante, que resistia desde 1922, disputando com os Terena as terras que depois foram garantidas a este grupo Aruak, pela Reserva Burití, não teve melhor sorte. Há registros seguros de que estes Terena "teriam sido usados por fazendeiros com o

objetivo de expulsar os índios Ofaié Xavante" da região (58).

Os Ofaié Xavante, seguramente, continuaram por vários anos seguidos junto ao Rio Verde, sendo relativamente assistidos pelo S.P.I. O que é comprovado pelo Ofício datado de novembro de 1953 quando a I.R.-5 propõe construir uma casinha na "aldeia dos 'Xavantes'" localizada no Rio Verde. A julgar pelo título que encabeçava o rol de Ofícios, onde, juntamente com duas dezenas deles, encontra-se este ofício - "Correspondência enviada pela I.R.-5 à Diretoria, desde há muito e que não tiveram resposta" - pode-se julgar o nível que alcançou o descaso para as questões indígenas em geral.

Um dos últimos encaminhamentos que tivemos notícia foi o constante do levantamento cadastral das terras indígenas, realizado pela 5ª Inspeção Regional e apresentado em outubro de 1965 ao Major Aviador Diretor do Serviço de Proteção aos Índios de Brasília. Em sua nota final registra o documento: "Patrimônio dos Índios Chavantes - o processo foi remetido para Cuiabá em 06.03.56 por motivo do pedido formulado pelo Senhor Sérgio Pereira Borges, na qualidade de Presidente da Comissão de Revisão da Concessão das terras". A nota encerra com uma lacônica e enigmática indicação: "Vide Vilson Barbosa".

As informações e encaminhamentos ulteriores, a partir desta época, sobretudo durante o regime militar, cristalizaram-se num inequívoco desinteresse pelas questões fundiárias. O surgimento da Fundação Nacional do Índio, em 1967, entretanto, não conseguiu, no tocante às demarcações, superar os problemas que igualmente assombraram o órgão que a antecedeu. A cantilena de conflitos reais e potenciais de uma questão que envolve interesses antagônicos dentro de uma sociedade pluriforme como a nossa, inexoravelmente impediram a FUNAI de agir em favor dos Ofaié Xavante. Ape-

sar da existência concreta dos índios, o órgão tutor acabou também aceitando uma tendência à inverdade, fruto de uma mentalidade que esforçou-se em pregar o extermínio total deste grupo. Perdido o controle, mesmo físico do grupo, nos últimos 20 anos não se ouve falar mais em Ofaié Xavante. Convivendo com esta idéia introjetada, também a sociedade branca mais atenta, acabaria por "esquecê-los" até os dias de hoje.

III - OS OFAIÉ XAVANTE HOJE

As evidências atuais da sobrevivência de um grupo de índios Ofaié Xavante nos dias de hoje são, em verdade, inquestionáveis. A anônima resistência deste grupo que lutou contra toda forma de perseguição mantendo-se unido na sua língua e nos seus costumes - não obstante a forçosa imposição cultural branca sobre seu "modus vivendi" -, é uma prova insofismável de sua existência.

Tem-se dito que o índio é aquele que deve viver. Pois, este pequeno grupo, com sua presença, hoje, mostra-nos que índio é aquele que deve ser. "Ofaié Xavante: aquele que é". A persistência deste grupo no decorrer dos séculos não conseguiu ser sufocada. Literatos e estudiosos vãmente defenderam sua extinção. Não somente estes, também seu órgão tutor, cômoda e interessadamente digeriu seu extermínio como a solução para o problema. Não obstante, dissimula-se ingenuamente esta realidade no momento em que surge uma verdade que não queria ou não podia ser revelada: os Ofaié Xavante são notícia no jornal "O Estado de São Paulo" do dia 06 de agosto de 1976. Eram apresentados para todo o Brasil em situação de total isolamento e doença que aos poucos dizimava aqueles que poderiam ser tidos como os derradeiros remanescentes Ofaié Xavante: 24 indivíduos, segundo o jornal na época.

Habitavam a Fazenda Boa Esperança, a 5 km da estra

da que liga Brasilândia a Xavantina. A maioria deles havia nascido no município de Brasilândia. Somente os mais antigos emigraram de outras regiões. Historicamente, sabe-se, estes índios fugiram de uma região para outra, em busca de socorro, ao longo do Paraná. Entre os mais velhos, hoje, o índio Alfredo é o único que ainda se lembra do tempo em que vivia com sua família na região do rio Samambaia, quando veio para a Fazenda Boa Esperança, juntamente com seu pai, ainda pequeno. Seu pai, recorda-se o octagenário, morreu anos mais tarde nas margens do rio Verde, local onde o grupo fixou aldeia.

É o índio Alfredo que nos relata um pouco da ocupação desta região onde o grupo hoje se encontra. Perguntamos inicialmente quando ele veio para esta região. Disse-nos que veio ainda pequeno do rio Samambaia. "Eu era pequeno ainda, tava mamando ainda e não sabia onde é que eu vim parar aqui. O meu pai conhece, pai conhece aquele mundo lá, até em Campo Grande (...). Vieram muitos. Veio de lá tudo. Tomé também criô aqui (...). Papai, ele também chamava Gaspar, Gaspar Cuêmbé: um fazendeiro que batizô não sei onde...".

Depois de falar sobre sua aldeia junto ao rio Verde, suas constantes perambulagens de um lado para outro e o cemitério nas margens do rio Verde, continua: "Depois quando ficô dois anos, aí chegemo lá na Boa Esperança. Então o fazendeiro falô: ocês convêm parar um pouco, faz roça aí, e pronto. Negócio com ocês. Andam assim (que) ocês morrem tudo. Aí parou, aí parou. Trabalhiamo, aí começam a trabaiá, criã porco, criã galinha... E é verdade mêmô que ele falô. Ocês morrem de fome: aí parou lá. Trabalhêmo, carpimo, carpiu, deu empreita lá na fazenda, pro carpi a mandioca dele. Então falô, então ocês, ocês carpi a mandioca aqui e eu pago ocês. Vô mandã carniã pro ocês. Aí falô. Tã bom. Aí miorô. Aí já morreu muita gente. Se não, a gente trabaiasse mais, não morria não".

Sobre os primeiros habitantes de Brasilândia, lembra o Ofaié Xavante: "Também Brasilândia não tinha nada. Aqui era sertão ainda. Aqui não tinha ninguém. Nem casa, nem estrada, nada. Aqui, tudo sertão. Depois foi chegano de um prá formã. Veio de lá de São Paulo, não sei de onde. Aí descobriu aqui..."

Provavelmente a presença deste grupo na região tenha causado muitos conflitos. Porque, mesmo tendo fixado sua aldeia nos campos banhados pelo córrego que empresta seu nome à Fazenda Boa Esperança, os Ofaié Xavante empreendiam suas caminhadas em busca de caça, pesca e o mel silvestre que tanto apreciam, o que não deixava de ser problemático para uma região de cultura sedentária e literalmente sujeita à sorte dos fazendeiros paulistas que "assaltam" a região.

Estas andanças, que iniciavam partindo da margem esquerda do rio Taquarussú em direção nordeste, atravessavam as terras da Fazenda Boa Esperança e alcançavam até o rio Verde. Segundo informações colhidas na região, em outubro de 1986, o terreno onde encontravam-se estes índios, inicialmente pertencia ao Estado, que arrendava à "Companhia Brasilândia" (Destilaria Brasilândia S. A. DEBRASA). Vencido o contrato com o Estado, o fazendeiro Arthur Hoffig teria "arrematado" todo o terreno. "Inclusive", lembra um antigo morador, "os índios que eram acampados aí, ele (o fazendeiro) não queria os índios aí. Então ele pegô e deu uma localidade pros índios na beira do rio Verde, onde tinha um mato (que) hoje eles chamam 'Puladouro'. Mas os índios não gostou..."

Lembrando a Fazenda Boa Esperança, Alfredo cita que sua aldeia "era lãncorguinho que fica lá. Na ponta, bem na cabeceira (...). Aldeia nossa era prá cá, prá cá da Boa Esperança. Primeiro nóis morava na Fazenda. Depois mudou prá cá. Mudou prá cá, na cabeceirinha. Um vazôn assim, também na ponta da cabeceira. Depois

chegaram um camarada, um camarada lá, tomou nossa vazôn. Estragou. Estragou mesmo...". Este fato, mencionado pelo Ofaié Xavante, e que confirmadamente foi do conhecimento do S.P.I. no ano de 1952 e seguintes, haveria de causar grandes transtornos, não só à vida dos índios que se viam cada vez mais encurralados e jogados de um lado para outro, como também para a vida e os interesses dos fazendeiros, que num dado momento sentem-se prejudicados por um bando de "bugres" que fazem "trilhos" nas suas terras.

A situação agravar-se-ia mais ainda quando os índios que habitavam as margens do rio Verde resolvem voltar para a Boa Esperança. Embora o fazendeiro, depois, os tenha acomodado, sem maiores problemas, nos "fundos" de sua fazenda, o clima de animosidade por parte da classe mandatária, ainda que velado, em relação aos índios, tendia a exacerbar-se.

Até o primeiro lustro da década de 70 não deve ter sido nada fácil a vida para este grupo Ofaié Xavante, entretanto a partir da reportagem do jornal "O Estado de São Paulo", realizada em 1976, envidam-se toda a sorte de esforços no sentido de resolver o problema dos "índios". Problema não só para a Fundação Nacional do Índio que, segundo o Jornal, jamais visitou aquela aldeia "constituída de seis casebres, precariamente construídos numa clareira da Fazenda Boa Esperança", como também para a Prefeitura Municipal de Brasilândia e um grupo de religiosos que relativamente os assistia com roupas e suplementação alimentar.

Nesta época, relata o índio Alfredo, chegou "um paulista que veio de lá de São Paulo, não sei aonde e foi morar lá e tá lá ainda. O nome dele, como chama esse home: chama seu Loro. É Loro. Foi ele que veio morá prá cá, no vazôn, no vazonzinho assim. E ali era de nós. E ele pegou assim. Botô gado lá dentro: estragou tudo. Plantou capim, plantou aquele coloniôn. Tá tudo formado lá (...)"

Com a morte do fazendeiro Arthur Hoffig, os herdeiros da Fazenda Boa Esperança, avaliada por alguns em 80 mil alqueires (190 mil hectares), praticamente retalharam a antiga propriedade. A região marginal esquerda do Córrego Boa Esperança, que atravessa as terras da Fazenda, nessa época, abrigava grande parte da aldeia Ofaié Xavante. Deve-se saber que a venda de qualquer lote de terra naquela área que fosse habitada pelos índios necessariamente geraria algum tipo de conflito. O pequeno fazendeiro "Loro" Cardoso que comprou um lote de terra desmembrado da Fazenda Boa Esperança, reconhece que os índios habitavam aquela região antes de le comprá-la. Só que eles encontravam-se dentro dos domínios da propriedade de Arthur Hoffig. "Pois se eles (os índios) tivessem do lado de cá (área que comprou) nem fazia o negócio...", confessou - nos.

No segundo semestre de 1978, entretanto, tornou-se público que a 9ª Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio de Campo Grande realizara a transferência deste grupo Ofaié Xavante para as terras da Reserva Indígena Kadiwéu, localizada no município de Porto Murtinho, no limite oeste da Serra da Bodoquena. O índio Ataíde Francisco lembra-se muito bem deste episódio. "Compareceu em nossa aldeia o Sr. Jamiro, Coordenador da Fundação Nacional do Índio-FUNAI, dizendo para nós que estávamos passando necessidades, passando fome, vivendo junto das vacas e todos morrendo à míngua. Que nós precisava sair daqui para uma reserva onde só tinha índios, doada pelo Governo federal. Segundo Jamiro que na reserva já tinha terra mecanizada, casas de materiais, cafezais, caça e pesca...".

Muita gente, nessa época, mostrou-se interessada em defender a transferência dos índios Ofaié Xavante da fazenda Boa Esperança. Raras pessoas posicionaram-se contrárias a essa idéia, buscando outras alternativas que solucionassem o problema sem deslocar o grupo. O deputado federal do PT, Antonio Carlos, teria

pedido por diversas vezes, em seus pronunciamentos, a transferência destes índios, por temer a sua rápida extinção. Desnecessário conjecturar que a retirada destes índios de áreas tradicionalmente de seu domínio - caso da fazenda Primavera de Antonio Moura Andrade, situada na margem esquerda do rio Samambaia, e da fazenda Boa Esperança em Brasilândia - só viria ao encontro dos interesses da influente oligarquia rural da região.

Outro fazendeiro, antigo morador da região de Brasilândia, confessou-nos que "70 alqueires (168 ha) daquela área era dos índios Ofaié Xayante e quem havia mesmo "tocado" os índios de sua terra havia sido o "fazendeirão Athur Hoffig. Outro morador afirmou-nos também que "estes índios foram roubados, suas terras foram roubadas... porque a verdade tem que ser dita...".

"E nós ficamos animados prá sair de lá" confessa Ataíde Francisco em correspondência de 09 de outubro de 1986 dirigida ao Administrador Regional da Fundação Nacional do Índio de Campo Grande (carta nº 1). "Depois de um ano já veio o caminhão para nos levar: um caminhão, uma picap e um caminhão f-100". A operação foi coordenada diretamente pelo Sr. Dionísio Virgílio da Silva, funcionário da FUNAI. Na memória dos habitantes de Brasilândia, ainda hoje está registrada a fotografia "promocional" dos índios sobre o caminhão "amarelo" que os levou, em plena praça pública da cidade. Uma certeza todos parecem ter: que a transferência foi extremamente benéfica para os índios, uma vez que ali "estavam muito mal, quase sem trabalho e sem nenhuma assistência", informou-nos um morador.

"Aí abandonamos a nossa terra atrás de promessas que até hoje nunca foi cumprida. Fomos abandonados e passamos até fome neste local. Depois de um mês, voltamos para o Posto Tarumã e de lá saímos para o Vazantão onde estamos até agora, desde 1978, passando necessidade, morando numa terra pequena, desesperados, com

falta de tudo...". Usados como bucha de canhão - juntamente com os Kaiowá do Rancho Jacaré em igual condição -, são trazidos para a conflitiva região de Bodoquena, onde disputam as terras da Reserva Indígena Kadiwêu, posseiros e índios. Ao serem trazidos, na verdade, os Ofaié são "enganados, jogados no meio dos invasores. A qual os mesmos praticavam relação sexual com os Ofaié e traziam bebida alcoólica. Nós, os Ofaié, achamos isso um desrespeito...".

Com a retirada dos "invasores" em outubro de 1985, depois de um lustro de sofrimento e morte para ambas as partes do conflito, "as coisas pioraram. A FUNAI sumiu. Precisamos plantar alguma coisa, nossos filhos precisam comer" desabafa o jovem líder Ofaié Xavante Ataíde Francisco. Uma prova destas agressões é o registro que o jornal O Globo do dia 26 de maio de 1983 dignou-se noticiar: "A Delegacia Regional da FUNAI teme o agravamento da situação na Reserva da Bodoquena onde o posseiro Joabe Francisco Feitosa, conhecido pelas violências contra os índios, manteve em cárcere privado e estuprou a índia Ofaié Xavante M., de 15 anos, filha de um dos Conselheiros da Tribo...".

A situação piorou ainda mais para o grupo a partir do momento em que os fazendeiros conseguiram contratos de arrendamento das terras da Reserva, o que tornou praticamente impossível a convivência pacífica na região. Aos "estranhos" a esta relação de cooptação de lideranças Kadiwêu e ingerência branca nos assuntos da comunidade, é desencadeada violenta perseguição. Impregna-se na região verdadeira guerra civil. Em meio a isso, os Ofaié Xavante, de índole pacífica, vêem-se obrigados a deixar a área. Sob risco de serem mortos, sofrem também da parte dos índios Terena que dividiam com o grupo parte do Vazantão, ameaças e agressões físicas. Violência esta que vitimou o Kaiowá Atanásio Vargas, assassinado dentro da Reserva, na Fazenda Santa Lurdes, em agosto de 1985, em circunstâncias até hoje ainda não esclarecidas.

Em vão foram os pedidos à FUNAI para verificar a existência de documentação que comprovasse a reserva de uma faixa de terra para os Ofaié Xavante na sua antiga terra de origem (carta nº 2). A contingência dos acontecimentos, entretanto, reservou-lhes somente uma saída: voltar a Brasilândia. Venderam a pequena roça de feijão que possuíam e, depois de 8 anos distantes, retornam à sua terra natal.

Hoje, o grupo está de volta à terra que os viu nascer e crescer. Sem jamais perderem o contato e a esperança de conquistar um "pedacinho" de terra, eles trabalham em 3 fazendas próximas da região (figura nº 7). Forasteiros em sua própria terra. Uns próximos dos outros, não deixando o desânimo tomar conta nesta trilha que se arrasta há séculos no rosto marcado dos mais antigos e na memória de seus antepassados.

Por serem índios, tidos comumente como "cidadãos de 2ª categoria", têm ainda que superar o estigma difundido na região de que "eles são trabalhadores prá mandá eles. Eles prá se dirigir só, não funciona bem...". Suas pequenas roças de feijão, que cultivam na região de Bodoquena, estão aí para provar o contrário (figuras nºs 8 e 9).

Entre eles, atualmente, falam somente a língua Ofaié Xavante. As crianças menores, na sua maioria, falam somente a língua materna, entendendo muito pouco o português. Sobre seus costumes, quando encontravam-se na Reserva Indígena Kadiwéu (Bodoquena) observamos que alguns ainda dormiam diretamente sobre o solo ou em lastros de taquaras abertas, muito próximas do solo. Uma casa construída pelo índio Alfredo (o mais antigo do grupo), nesta mesma Reserva, observamos que se assemelhava em muito com as antigas construções Ofaié Xavante registradas por Erich Freundt (figuras nºs 1 e 2).

FIGURA Nº SETE

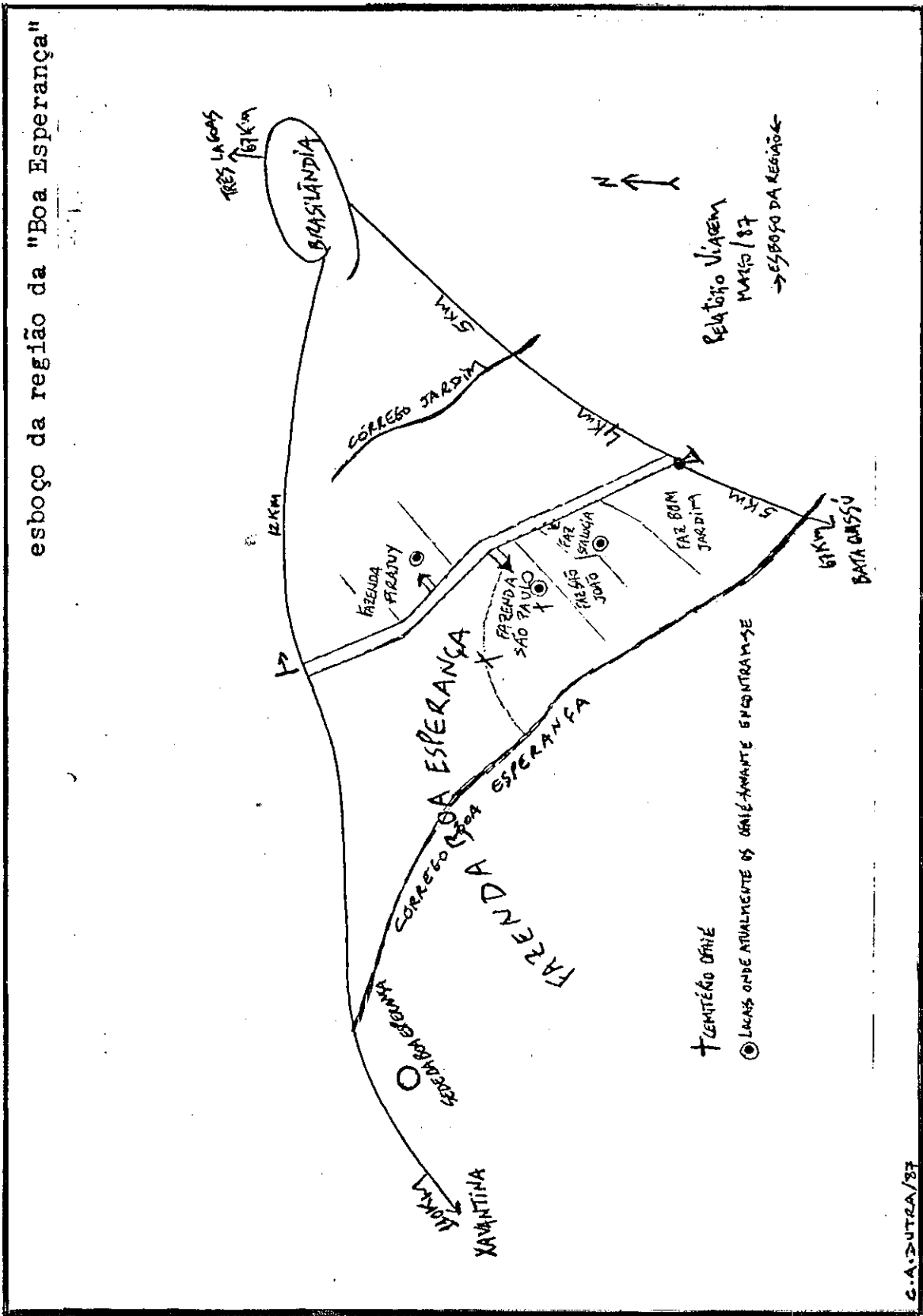
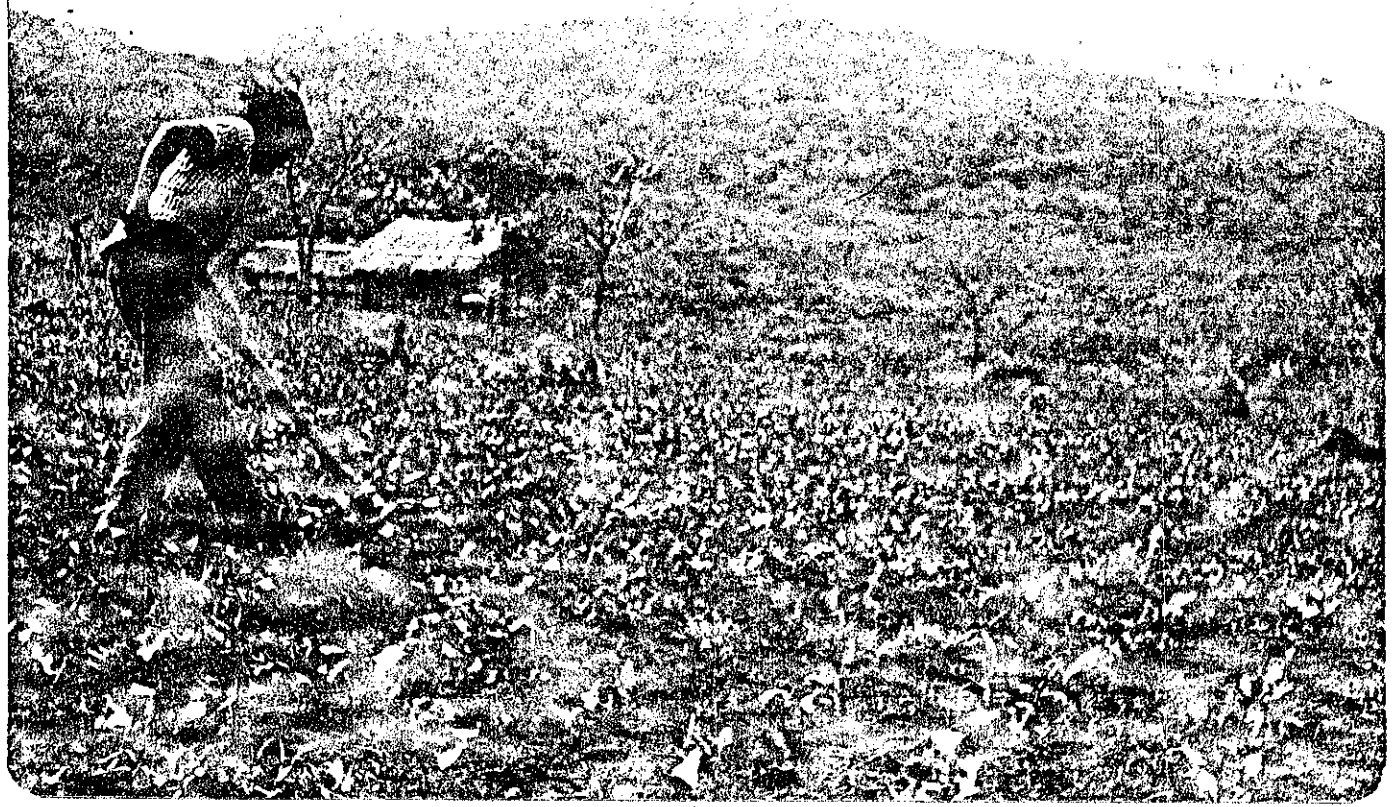
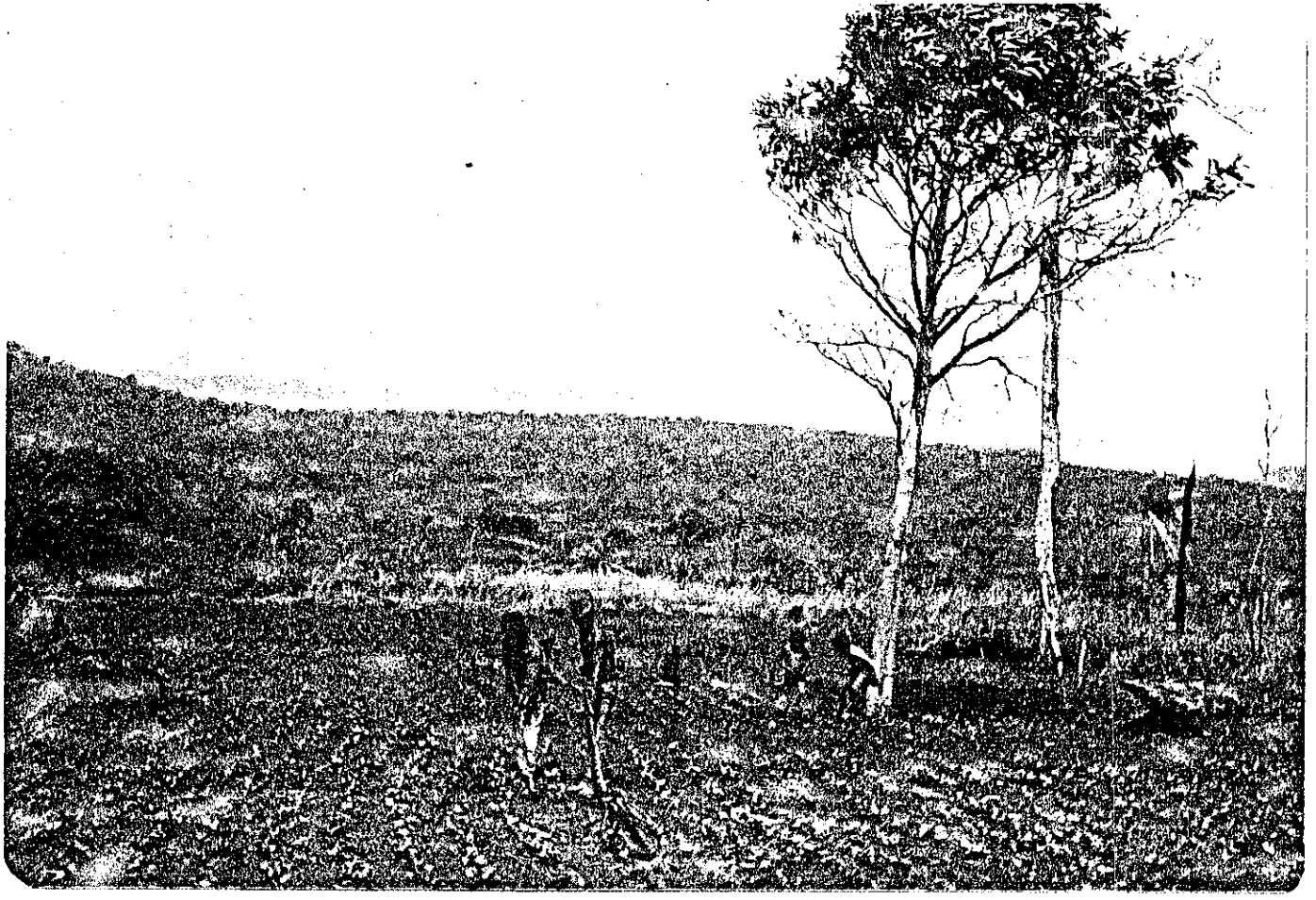


FIGURA Nº OITO



C. A. Dutra/Bodoquena-1986

FIGURA Nº NOVE

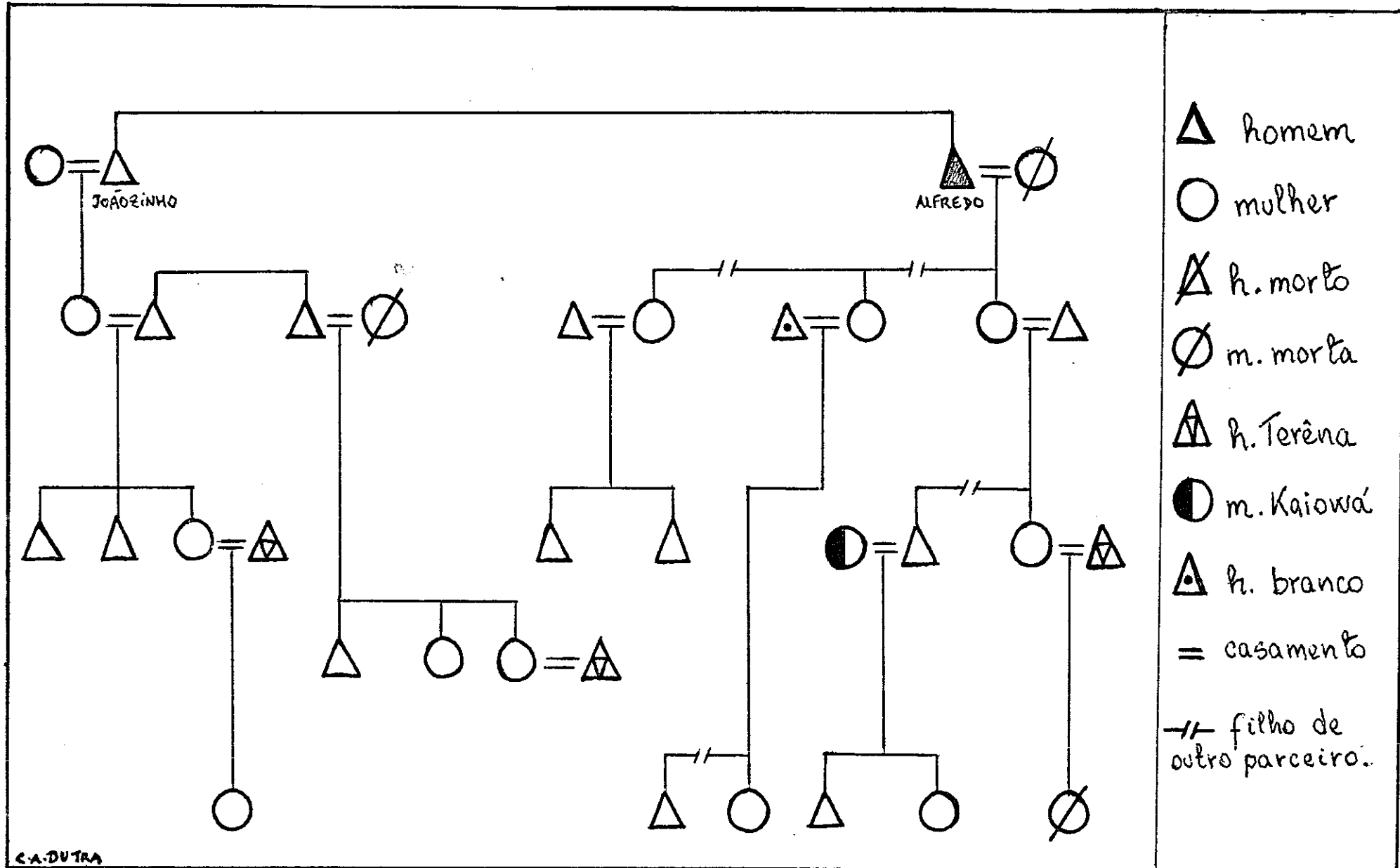


C. A. Dutra/Bodoquena-1986

Atualmente o grupo que se encontra nas proximidades da Fazenda Boa Esperança compõe-se de três gerações. Oito homens, seis mulheres, sete meninos e uma menina (figura nº 10). Entretanto, deste mesmo grupo, oito pessoas ainda permanecem na região de Bodoquena, o que elevaria o número de Ofaié Xavante para trinta indivíduos. No município de Brasilândia, tem-se notícias de pelos menos três famílias que trabalham pela região. Em outras áreas tradicionalmente de domínio deste grupo, também há informações da existência de Ofaié Xavante. A julgar pelo fato da maioria procurar "esconder" sua condição de "bugre", podemos estimá-los em um número relativamente considerável de indivíduos.

Um trabalho de busca e pesquisa junto à margem direita do Paraná encontrará, certamente, número significativo de remanescentes Ofaié Xavante, pois, com o passar dos anos, sistematicamente eles foram sendo absorvidos pela cultura dominante das fazendas. Também se tem notícia de outras regiões como a localidade de Aroeira (hoje Prudêncio Tomás, município de Rio Brilhante); Fazenda Primavera e Fazenda Conquista (ambas no município de Bataiporã, nesta última existindo esteios - vestígios de antigas moradias indígenas); região de Nova Andradina, Ivinhema e Bataguassú, junto ao Porto XV. Em todos esses lugares provavelmente existem muitas famílias Ofaié Xavante, dissimuladamente anônimos em trabalhos da lavoura como é o caso daqueles índios que trabalham como peões cortadores de cana, em trabalho semi-escravo nas usinas de destilaria...

FIGURA Nº DEZ



C.A. DUTRA

estrutura de parentesco Ofaié Xavante - grupo da Bodoquena / 1986-1987

IV - PROPOSTAS DE ENCAMINHAMENTO

Com base nas informações etnohistóricas até aqui apresentadas podemos concluir:

19) Comprovadamente existiram aldeamentos Ofaiê Xavante ao longo da Margem direita do Rio Paranã. Recapitulando a aquelas áreas que foram de domínio do grupo e/ou motivo de preocupação para os órgãos indigenistas oficiais encontramos: Rio Santo Anastácio (aldeamento em 1864); barra do Rio Pardo e Samambaia (aldeamento em 1905); Fazenda Campeiro/Vacaria (aldeamento em 1905); cabeceira do Rio Negro e Taboco (aldeamento em 1907-1911); barra do Rio Taquarussú (aldeamento em 1911); Porto Tibiriçã (aldeamento em 1911); margem esquerda do Rio Ivinhema (Posto Ivinhema em 1911 com 200 índios); Rio Taquarussú e Pardo (aldeamento e solicitação de reserva de área em 1911); Rio Taquarussú e Verde (solicitação de área em 1911); vale Ribeirão das Marrecas (solicitação de área em 1912); margem esquerda do Rio Paranã (solicitação de área em 1912); margem esquerda do Rio Ivinhema (Posto Laranjalzinho em 1913); Rio Ivipiranga (aldeamento em 1913); barra da Água do Coqueiro Grande (local de festa dos Ofaiê Xavante em 1913); Rio Orelha de Onça (aldeamento em 1913); Rio Verde (30 índios em 1913); margem do Rio Negro (aldeamento em 1913); Rio Vacaria (aldeamento em 1913); cabeceira do Ivinhema (aldeamento em 1921); margem direita do Ribeirão Santa Bárbara (aldeamento em 1924); Porto XV/Rio Paranã (aldeamento em 1924); cabeceira do Córrego Sant'Ana/Rio Pardo (2 famílias em 1942); Fazenda Água Limpa/Pena Jr. (aldeamento em 1948); margem esquerda do Rio Samambaia (13 pessoas em 1948); Fazenda Boa Esperança/Rio Taquarussú (aldeamento em 1948); Rio Samambaia (Reserva Samambaia em 1952); Rio Verde (construção de casa na aldeia em 1953); margem do Rio Samambaia (aldeamento em 1953); Fazenda Boa Esperança/Três Lagoas (expulsão dos índios em 1953); Fazenda Herval/Bataguassú (urna funerária descoberta em 1954); Fazenda Primavera (2 famílias em 1958)....;

29) O governo do Estado do Mato Grosso decretou em 1924 reserva de uma área de terra de 3.600 hectares para os índios Ofaiê Xavante na margem esquerda do Rio Samambaia;

39) O atual grupo Ofaiê Xavante expulso da Fazenda Boa Esperança em 1978 e que em novembro do ano passado retor

nou a região, todo ele habitava a margem esquerda do Córrego Boa Esperança que atravessa as terras da fazenda.

PROCEDIMENTOS NECESSÁRIOS

A) Com relação ao primeiro ponto:

Como o Direito no Brasil atribui às terras ocupadas pelos indígenas a posse das mesmas, cabe aos Ofaiê Xavante exigir de seu órgão tutor que se faça cumprir o dispositivo legal (Artigo 198) da Constituição Brasileira que assegura-lhes o direito de "primi occupantis" destas terras. O regulamento do Serviço de Proteção aos Índios em seu artigo 3º reconhecia que "mesmo nos casos de extinção dos aldeamentos (...) não (se) justifica (va) que os índios, ou seus descendentes sejam (fossem) expoliados de suas terras". Considerando que os Ofaiê Xavante por diversas vezes encontraram-se também desaldeados, esta observação pode ser determinante. Para o jurista Clovis Bevilacqua, é pacífico que as terras ocupadas pelos índios, sejam aldeados ou desaldeados, devem ser considerados como legitimamente adquiridas.

Seguramente são eles os primeiros habitantes de muitas destas áreas, caracterizando, assim, a condição de imemorialidade desta região para os Ofaiê Xavante. O reconhecimento dos direitos destes índios à posse permanente da terra por eles habitada (Artigo 25 do Estatuto do Índio) deverá, antes de mais nada, ser assegurado - seja pelos poderes federais, estaduais ou municipais.

B) Com relação ao segundo ponto:

Cabe a quem de direito verificar se o Decreto 683 de 20 de novembro de 1924 chegou a ser registrado em Cartório de Imóveis. Caracterizado o registro e os limites oficiais da área - provavelmente já titulada a terceiros -, mister se faz propor uma ação de reintegração de posse para a comunidade Ofaiê Xavante, cabendo a Fundação Nacional do Índio a defesa dos interesses de seus tutelados.

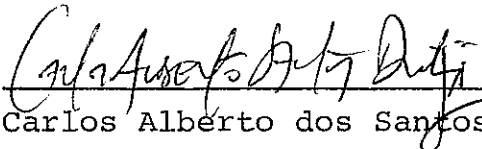
C) Com relação ao terceiro ponto:

A pretensão majoritária do atual grupo Ofaiê Xa-

vante é uma área de terra que hoje se encontra dentro dos limites físicos da Fazenda Campo Limpo (desmembrada da Fazenda Boa Esperança), no município de Brasilândia, onde a totalidade dos pretendentes nasceu (MAPA). A identificação exata da área, entretanto, merece ainda ser apurada por órgão competente, não havendo, contudo, para os índios qualquer dúvida quanto a localização de pontos referenciais - tais como cemitérios, toponímia e vestígios de aldeia - ao longo da margem esquerda do Córrego Boa Esperança, que lhes confirmam o domínio desta área.

Sem descartar ainda o recurso do Artigo 26 do Estatuto do Índio que possibilita ao Poder Executivo Federal desapropriar para o uso dos índios qualquer propriedade privada existente no território nacional - independente desta estar sendo ou não economicamente aproveitada -, desde que tal propriedade sirva o suficiente para assegurar a sobrevivência de um grupo, competente acima de tudo a Fundação Nacional do Índio o dever de garantir uma área de terra para os Ofaiê Xavante, resgatando assim a dívida histórica, não somente deste órgão, como também de toda a sociedade brasileira para com estes índios, cujo direito de viver em sua terra lhes está sendo negado.

Ofaiê Xavante: ainda estamos vivos!


Carlos Alberto dos Santos Dutra

V - NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Darcy Ribeiro: "Notícia dos Ofaié-Chavante" e Curt Nimuendajú "Idiomas Indígenas del Brasil".
- (2) Veja a comparação linguística organizada por Chestmir Loukotka: "Les Indiens Kukura du Rio-Verde-Matto Grosso-Brésil"; o trabalho de Hermann von Ihering: "A Ethnografia do Brasil Meridional" e os "Textos Indígenas" de Curty Nimuendajú.
- (3) Herbert Baldus na introdução do livro "Índios de Matto Grosso" de Erich Freundt. Segundo Chestmir Loukotka: "Línguas Indígenas do Brasil" os Ofaié Xavante apresentavam na região do Rio Vacaria um dialeto - confirmado também por Nimuendajú - denominado "Guachí".
- (4) Hermann von Ihering já citado.
- (5) Nesta ocasião IHERING recomenda "aos especialistas competentes que examinem este parentesco", do qual, entretanto, ele não estava convencido.
- (6) Trabalho apresentado por Sarah Gudschinsky: in "Fragmentos de Ofaié: a descrição de uma língua extinta" (tradução de Miriam Lemle); também da mesma autora "Ofaié-Xavante, a Jê Language".
- (7) Relatório do Tenente Adriano Metello para o SPI.
- (8) Darcy Ribeiro: "Notícia dos Ofaié Chavante".
- (9) Veja entrevista "Alfredo: memória de Brazilândia; também as informações de Otávio a Darcy Ribeiro em "Notícia dos Ofaié Chavante".

- (10) Herbert Baldus, já citado.
- (11) Curty Nimuendajú em "Los mitos de creación y de destrucción del mundo como fundamentos de la religión de los Apapokuva-Guarani".
- (12) Herbert Baldus, já citado.
- (13) Hermann von Ihering, já citado.
- (14) Darcy Ribeiro em "Os Índios e a Civilização".
- (15) Darcy Ribeiro: "Notícia dos Ofaié Cavante", já citado.
- (16) Curt Nimuendajú: "Los mitos de creación...".
- (17) Visconde de Taunay: "El Matto Grosso Invadido-1866-1867".
- (18) Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 245, out-dez/1959.
- (19) Curt Nimuendajú: "Relatório sobre os 'Chavantes' de Matto Grosso"/1913.
- (20) João Américo Peret : "Populações Indígenas do Brasil".
- (21) Joaquim da Costa Siqueira: "Histórico Chronológico das notícias de Cuyabá".
- (22) Hercules Florence: "Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas- De 1825 a 1829".
- (23) "Itinerário de Joaquim Francisco Lopes".
- (24) Roberto Cardoso de Oliveira: "Urbanização e Tribalismo: a integração dos Índios Terena numa sociedade de classe".
- (25) Curt Nimuendajú: "Relatório sobre os 'Chavantes'/1913".
- (26) Curt Nimuendajú: "Los mitos de creación...".
- (27) Luiz Bueno Horta Barbosa: "O problema indígena do Brasil: a pacificação dos Caingangue paulistas".

- (28) Ibidem.
- (29) O índio Kaiowã de nome Nembé, morador da Aldeia do Araribã, na época que Nimuendajú socorria esta aldeia, conta que chegou a tomar parte de algumas destas "entradas".
- (30) Curt Nimuendajú: "Relatório sobre os 'Chavantes'/1913".
- (31) Ibidem.
- (32) Roberto Cardoso de Oliveira: "Urbanização e Tribalismo", já citado.
- (33) Curt Nimuendajú: "Relatório sobre os 'Chavantes'/1913".
- (34) Darcy Ribeiro: "Notícia dos Ofaié Chavante".
- (35) Curt Nimuendajú: "Relatório sobre os 'Chavantes'/1913"
- (36) Darcy Ribeiro: "Notícia dos Ofaié Chavante".
- (37) Adoptivsohn der wildnis: "Als ich und die erde noch jung war".
- (38) Comissão Geológica e Geográfica do Estado de São Paulo: "Exploração do Rio do Peixe/1907".
- (39) Roberto Cardoso de Oliveira: "Urbanização e Tribalismo".
- (40) Darcy Ribeiro: "Os Índios e a Civilização".
- (41) Missão Rondon: "Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas".
- (42) Também no "Glossário Geral das Tribos Silvículas de Matto Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil" organizado pelo General Cândido Rondon e o etnólogo João Barbosa de Faria. CNPI, 1948.
- (43) Curt Nimuendajú: "Idiomas Indígenas del Brasil".
- (44) Roberto Cardoso de Oliveira: "Urbanização e Tribalismo"
- (45) Relatório dos trabalhos realizados de 1900-1906 pela Comissão

Rondon/1949.

- (46) Henri Henrihovitch Manizer: "Música e instrumentos de Música de algumas tribos indígenas do Brasil"; também nesta linha o importante trabalho de Helza Cameu: "Introdução ao Estudo da Música Indígena Brasileira".
- (47) Revista Militar Brasileira, nº 4 Out-Dez/1928.
- (48) Relatório do Tenente Vicente de Paulo Vasconcellos apresentado em 21-Set-1911.
- (49) Ibidem.
- (50) Requerimento do Frei Affonso, capuchinho ao Congresso Estadual de São Paulo em 17-Ago-1912.
- (51) Memorando do Secretário Geral da Agricultura, Comércio e Obras Públicas de São Paulo ao SPI de 24-Dez-1912.
- (52) Relatório datado de 03-Fev-1916 do SPI de Cuiabá.
- (53) Correspondência de Curt Nimuendajú de 30-Ago-1913.
- (54) Informações do SPI de 17-Jan-1911.
- (55) Curt Nimuendajú: "Relatório sobre os 'Chavantes'/1913".
- (56) Relatório do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, relativo ao ano de 1911.
- (57) Cândido Rondon: "Matto Grosso - o que elle nos oferece e o que espera de nós".
- (58) Roberto Cardoso de Oliveira: "Urbanização e Tribalismo".

VI - RELAÇÃO CRONOGRÁFICA DA DOCUMENTAÇÃO

Elencamos a seguir a Documentação relacionada com o histórico dos encaminhamentos de alguns órgãos oficiais, a maioria deles, citados no capítulo "Últimos encaminhamentos oficiais". Contemplam estes documentos não somente a preocupação destes órgãos em relação aos índios Ofaié Xavante, como também legitimam a existência de áreas de terra que imemorialmente foram de seus domínios. Somam-se a estes documentos outros, de igual importância, que revelam as particularidades etnohistóricas deste grupo, também imprescindíveis à compreensão e montagem do quadro referencial que este Relatório pretende caracterizar.

- 17.Jan.1911 -Informações para o SPI-Exercício 1913 do ajudante das Linhas Telegráficas Estratégicas, Adriano Metello, solicitando área para aldeamento de índios. Correspondência Recebida/Telegramas.
- 21.Set.1911 -Relatório do Tenente Vicente de Paulo Vasconcellos apresentado ao Capitão Renato Barbosa Rodrigues Pereira, tratando da "assistência aos 'Chavantes' do sul do Mato Grosso.
- 17.Ago.1912 -Requerimento do Frei Affonso, capuchinho, ao Congresso Estadual de São Paulo, solicitando a cessão gratuita de uma área de terra devoluta para aldeamento e educação dos índios "Coroados", Guarani, "Xavantes" e "Cayuás".
- 24.Dez.1912 -Memorando NDG/1911 do Diretor Geral da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas de São Paulo,

Eugênio Lefreve, transmitindo cópia do requerimento do Provincial dos Menores Capuchinhos ao SPI.

- 09.Jan.1913 -Correspondência /Protocolo nº 199/ de Curt Nimuendajú e N. Bandeira de Mello, de Porto Tibiriçá, dirigida ao SPI de São Paulo, Luiz Bueno Horta Barbosa relatando as péssimas condições de saúde dos frades capuchinhos e dos índios do Rio Verde.
- 12.Jan.1913 -Correspondência /Protocolo nº 198/ de Curt Nimuendajú ao SPI de São Paulo, Luiz Bueno Horta Barbosa contendo informações do Porto Alegre sobre a "fazenda dos Norte Americanos", onde o Cel. Feijó ameaçava os índios Ofaié Xavante, acusados de ter "espancado os camaradas do Retiro da Boa Esperança", situada a 8 léguas acima da barra do Rio Taquarussú. Também pede que lhe comuniquem "o que consta dos limites do terreno concedido aos índios do Rio Ivinhema".
- 12.Jan.1913 -Relatório de Curt Nimuendajú sobre os índios "Chavantes" do Mato Grosso/1913 contendo apontamentos e relatos históricos em torno da "Conquista de Vacaria (1850-1912); Os Ofaié e Don Ramón Coimbra; Os dados de Quincas Nogueira; as Medidas do Governo de Mato Grosso; os Ofaié e a Companhia de Viação SP-MG; os Ofaié e o Serviço de Proteção aos Índios; Apontamentos Estatísticos com os índios que se achavam no Laranjalzinho em 7.Fev.1913; outros grupos de Ofaié; a futura povoação indígena dos Ofaié; informações sobre outros índios". Acompanha um Croquis do Extremo Sul do Mato Grosso, escala (aproximada) de 1:200.000.
- 16.Mar.1913 -Correspondência /Protocolo nº 56/ de Curt Nimuendajú, de Porto Tibiriçá, dirigida ao SPI de São Paulo apontando a existência de Ofaié Xavante que habitavam o curso do Rio Ivipiranga onde era conhecido como "Boa Esperança".
- 30.Mar.1913 -Correspondência de Curt Nimuendajú, de Porto Tibiriçá, dirigida ao SPI de São Paulo, contendo informa-

ções sobre os Ofaié Xavante na região do Rio Ivipiranga e Taquarussú.

- 30.Ago.1913 -Portaria nº 13 do Inspetor do SPI, José Osmar Silva Jardim (por Aviso nº 244 de 08.Mai.1913) subordinando provisoriamente a parte sul do estado do Mato Grosso' à jurisdição da Inspetoria de São Paulo.
- 13.Out.1913 -Exposição/Ofício nº 825 da Diretoria do SPI dirigido ao Ministro da Agricultura, Industria e Comércio, contendo o "alcance econômico dos trabalhos e orçamentos para 1914" onde refere-se ao "Posto de Atração do Laranjalzinho na margem esquerda do Rio Ivinhema dos índios 'Chavantes' e Guarani".
- 03.Fev.1916 -Relatório de 1913 do Agente cedido do SPI, de Cuiabá, dirigido ao Diretor interino deste Serviço, Dr. José Beserra Cavalcanti, dando conhecimento da existência de um grupo de "Chavantes" em constante perambulação pelas fazendas do Rio Negro.
- 05.Abr.1949 -Ofício do Cel. Nicolau Bueno Horta Barbosa, ex-chefe da 5ª Inspetoria Regional (IR-5) de Campo Grande ao General Presidente do CNPI contendo informações sobre as terras dos índios Ofaié Xavante, em resposta à solicitação contida em telegrama nº 266 de 23.Fev.1949.
- 19.Mai.1949 -Remessa nº 237 do Presidente do SPI Gal. Cândido Mariano da Silva Rondon, contendo informações sobre as terras dos índios "Ofaiés" obtidas do Cel. Nicolau Bueno Horta Barbosa e enviadas ao Dr. Modesto Denatini Dias da Cruz, Diretor do SPI.
- 01.Jun.1949 -Ofício nº 257 do Secretário do CNPI, Cel. Amilcar Armando Botelho de Magalhães ao Diretor interino do SPI, Dr. Jaguanharo Tinoco do Amaral preenchendo "lacuna" constante do Relatório sobre as terras dos índios Ofaié Xavante.
- 07.Out.1952 -Ofício nº 112 do Chefe da IR-5 de Campo Grande, Iridiano Amarino de Oliveira, dirigido ao Diretor da Delegacia Especial de Terras e Colonização, apresen

ando os decretos onde são reservados lotes de terra para o patrimônio e usufruto dos índios. Entre eles encontra-se o Decreto nº 683 que reserva área de terra para os índios Ofaié Xavante.

- 14.Dez.1952 -Ofício s/nº do Chefe da IR-5 de Campo Grande apresentando o servidor, Ref. 25, Inspetor Francisco Ibiapina da Fonseca às autoridades civís e militares em geral.
- 20.Dez.1952 -Ofício nº 172 do Chefe da IR-5 de Campo Grande dirigido ao Secretário da Agricultura do Estado do Mato Grosso, contendo informações e "todo os decretos de concessões de terras destinadas aos índios, especialmente sobre a Reserva Samambaia".
- 07.Set.1953 -Ofício nº 296 do Chefe da IR-5 de Campo Grande, Deocleciano de Souza Nenê, dirigido ao Chefe da IR-6 de Cuiabá, Dr. Benjamim Duarte Monteiro, informando sobre as terras dos índios "Xavantes" e "Caiuás", e que na Inspeção havia (somente) a cópia de um decreto (nº 683), e assim mesmo incompleto.
- 08.Set.1953 -Ofício nº 253 do Chefe da IR-5 do SPI de Campo Grande dirigido ao Prefeito Municipal de Três Lagoas agradecendo o sentimento cristão do Governo e do povo da cidade que soube tão bem socorrer os "primitivos e verdadeiros donos do Brasil", os Ofaié Xavante, expulsos da Fazenda Boa Esperança. Pede também providência na localização de uma área de terra para os índios.
- 14.Set.1953 -Ordem de Serviço nº 14 do Chefe da IR-5 do SPI determinando que o Inspetor Francisco Ibiapina da Fonseca dirija-se a cidade de Três Lagoas para verificar a situação dos índios "Ofaié" ali existentes.
- 18.Set.1953 -Ofício nº 244 do Chefe da IR-5 de Campo Grande ao Chefe da IR-6 de Cuiabá, em resposta ao telegrama nº 349 de 11.Set.1953, alegando que "não tem sido possível ser atendido na Diretoria da Delegacia de Terras e Colonização daquela cidade, tal é o número de interessados em terras que esperam sejam despachadas".

- 08.Out.1953 -Ofício nº 254 do Chefe da IR-5 do SPI de Campo Grande dirigido ao Presidente da Câmara Municipal de Três Lagoas, Antonio de Carvalho, agradecendo o que as autoridades municipais fizeram pelos Ofaié Xavante, por ocasião de sua expulsão da Fazenda Boa Esperança quando foram aldeados nas proximidades da ponte do Rio Verde.
- 08.Out.1953 -Ofício nº 256 do Chefe da IR-5, Deocleciano de Souza Nenê, dirigido ao Sub-Delegado de Polícia de Três Lagoas, João Antonio Trindade, agradecendo a atenção dispensada aos "índios aldeados nas proximidades da ponte do Rio Verde" naquele município.
- 09.Out.1953 -Ofício nº 255 do Chefe da IR-5, dirigido ao Delegado de Polícia de Três Lagoas, Dr. Sebastião Vieira, agradecendo as providências tomadas em favor dos índios aldeados nas proximidades da ponte do Rio Verde. Nutre esperanças o Inspetor que no ano vindouro possa a IR-5 criar um Posto Indígena para este "grupo de brasileiros expulsos das terras que Deus lhes deu"
- 03.Nov.1953 -Ofício nº 289 da IR-5 de Campo Grande dirigido a Diretoria do SPI propondo construir uma "casinha" no Rio Verde, na "aldeia dos índios Chavantes". Não obteve resposta.
- 01.Abr.1954 -Ofício nº 81 da IR-5 de Campo Grande dirigido ao Diretor do SPI informando sobre os índios de Três Lagoas quando foi-lhes pedido "para colocar Edgard do Espírito Santo e Silva".
- 27.Out.1965 -Ofício nº 202/65 do Chefe da IR-5, Walter Samari Prado ao Major Aviador Diretor do SPI de Brasília encaminhando levantamento cadastral das terras indígenas onde menciona o "patrimônio dos índios Chavantes"
- 06.Ago.1976 -Jornal o Estado de São Paulo da Sucursal de Marília, noticiando que "doenças dizimam grupo Xavante de Mato Grosso". Índios da aldeia Esperança de Brasilândia localizada a 5 km da estrada que separa este município a localidade de Xavantina -segundo o jornal- "há 50

anos dominavam toda a região de Brasilândia (...) e foram expulsos de suas terras".

- 07.Out.1979 -Correspondência do Índio Ofaié Xavante, Ataíde Francisco, enviada ao Sr. Tomás de Almeida de Brasilândia, reclamando das péssimas condições vividas pelos índios na região de Bodoquena.
- 17.Dez.1979 -Relatório e algumas informações sobre remanescentes' Ofaié Xavante no Mato Grosso do Sul, do Conselho Indigenista Missionário-CIMI, introduzindo a questão Ofaié Xavante. Relata visita a algumas fazendas na região de Bataguassú, Brasilândia e Bataiporã.
- 02.Mai.1981 -Relatório visita a Aldeia de Tarumã (Bodoquena) do CIMI, relatando a situação vivida pelo grupo Ofaié Xavante. Registra listagem dos indivíduos localizados no chamado "Vazantão". Entrevista oral e escrita com o Índio Ataíde Francisco.
- 11.Nov.1981 -Correspondência de Dom Isidoro Kosinski, Bispo de três Lagoas, dirigida ao CIMI, relatando informações contidas no "Livro Tombo" sobre os índios Ofaié Xavante.
- 26.Mai.1983 -Jornal O Globo noticia que a "tensão aumenta" na Reserva da Bodoquena quando o posseiro Joabe Francisco Feitosa mantém em cárcere privado e estupra a índia Ofaié Xavante M., de 15 anos, filha de um dos conselheiros da tribo.
- 27.Mai.1984 -Jornal O Globo noticia que "alguns dos últimos Xavantes já não falam a língua e trabalham como boias-fria na região de Brasilândia". Segundo o jornal um índio trabalhava como "cortador de cana e tratorista para a Destilaria Hoffig".
- 04.Mai.1986 -Jornal Tempo. Reportagem de A. Tavares noticiando o evento da emancipação do município de Brasilândia que a comemora com "desfile de carros alegóricos onde os alunos da Escola Municipal de I Grau Arthur Hoffig caracterizam-se dos 'primeiros habitantes de

Brasilândia', os índios Xavantes".

- 23.Ago.1986 -Correspondência da Diocese de Jardim/CIMI ao Sr. Responsável pelo Posto de Saúde do município de Bodoquena, solicitando atendimento a uma criança Ofaié Xavante. Solicitação atendida.
- 23.Ago.1986 -Jornal do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasilândia noticiando nesta data que três lavradores, associados ao Sindicato morreram num acidente na Fazenda Almeida: morte por eletrocutamento. Entre as vítimas estava Antonio "bugre" Lins Nantes, filho do índio Ofaié Xavante Acácio, morador de Brasilândia.
- 27.Ago.1986 -Entrevista com "vovô" Alfredo realizada pelo CIMI na região do Tarumã (Bodoquena). Texto falado e escrito.
- 30.Ago.1986 -Carta do índio Ofaié Xavante Ataíde Francisco anexada à correspondência de 09.Out.1986, dirigida ao Administrador da FUNAI de Campo Grande, relatando "o problema de 1978 a 1986" vivido pelo grupo na conflitiva região de Bodoquena (Reserva Indígena Kadiwéu).
- 31.Ago.1986 -Relatório da "situação do Posto de Vigilância Tarumã e região" realizado pelo CIMI, denunciando a situação de tensão vivida pelos Ofaié Xavante e população envolvente da região.
- 09.Out.1986 -Correspondência do CIMI ao Administrador Regional da FUNAI de Campo Grande contendo informações sobre a realidade vivida pelos índios da região de Bodoquena e solicitando providências no sentido de ser averiguado a existência ou não de documentação oficial que garanta uma faixa de terra para os índios em sua terra natal, Brasilândia.
- 17.Out.1986 -Relatório viagem a Brasilândia (I) do CIMI contendo informações e entrevistas com moradores da cidade e pistas de ação.

- 23.Out.1986 -Jornal Correio do Estado de Campo Grande noticiando ' que "líder dos 'Caduvéus' critica administração" da FUNAI, mencionando o estado de abandono de " "outras tribos" habitantes da Reserva que estariam depredando-a.
- 26.Fev.1987 -Relatório viagem a Brasilândia (III) do CIMI contendo informações de moradores da região. Esboça um mapa das fazendas onde encontram-se os índios Ofaié Xavante, atualmente.
- 18.Mar.1987 -Relatório viagem a Brasilândia (IV) do CIMI contendo relatos dos fazendeiros das fazendas São Paulo, Pirajuy e Santa Lucia. Acompanha texto oral de algumas entrevistas.
- 18.Mar.1987 -Entrevista "Alfredo memória de Brasilândia" concedida ao CIMI pelo índio Ofaié Xavante Alfredo quando de sua volta a região da Fazenda Boa Esperança (Brasilândia). Texto oral e escrito.

VII - B I B L I O G R A F I A

- ADOPTIVSON DER WILDNIS (Pseudônimo de W. von Weickmann). Als
1928 ich und die erde noch jung war. Ber-
lin.
- ALMEIDA, Aluisio de. O vale do Paranapanema. Revista do Ins
1959 tituto Histórico e Geográfico Brasilei
ro. v. 245., Out-Dez/1959.
- BARBOSA, Luiz Bueno Horta. O problema indígena no Brasil. A paci-
1913 ficação dos Kaingangue Paulista. CNPI,
Rio de Janeiro.
- BLUMA, F. Vlastibor. Sítios Arquiológicos em Mato Grosso.
1973 Dimensão. Centro Pedagógico de Corum-
bã/UEMT., nº 3/Set., Corumbã.
- BRASIL, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.
1913 Exposição sobre o SPI e Colonização de
Trabalhadores Nacionais. Relativo ao
ano de 1911., Rio de Janeiro.
- BRASIL, Ministério da Agricultura.
s/d Memória sobre as causas determinantes
da diminuição das populações indígenas
do Brasil. SPI., IX Congresso Brasilei
ro de Geografia.
- BRIEGER, F. G. et alii. Races of maize in Brazil and other eas
1958 tern south american coutries. Natio
nal Academy of Ciencias. Publication nº

597., Washington.

- BRUNO, Ernani Silva. Viagem no país dos paulistas., São Paulo. 1966
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. O Extremo Oeste. Rio de Janeiro. 1986
- CAMEU, Helza. Introdução ao estudo da música indígena brasileira. Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro. 1977
- CORREIA FILHO, Virgílio. Portugueses em Mato Grosso. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. vol. 245., Out-Dez/1959. 1959
- FLORENCE, Hercules. Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas (1825 a 1829)., Rio de Janeiro. Tradução de Visconde de Taunay. 1941
- FRANCISCO LOPES, Joaquim. O itinerário de Joaquim Francisco Lopes. Revista Trimestral de História e Geografia. Tomo XIII. 1872
- FREUNDT, Erich. Índios de Mato Grosso. Introdução de Herbert Baldus., São Paulo. 1947
- GRIMES, Barbara F. Languages of the world ethnologue. Texas-USA. s/d
- GUDSCHINSKY, Sara C. Ofaié-Xavante: a gê language. Estudos sobre línguas e culturas indígenas. Edição Especial. Summer Institute of Linguistics., Brasília. 1971
- 1974 Fragmentos de Ofaié: a descrição de uma língua extinta. Série Linguística nº 3. Summer Institute of Linguistics Brasília.
- HANKE, Wanda. Wolker kundliche forschungen in südamerika. Verlöschende urzeit im innern 1964

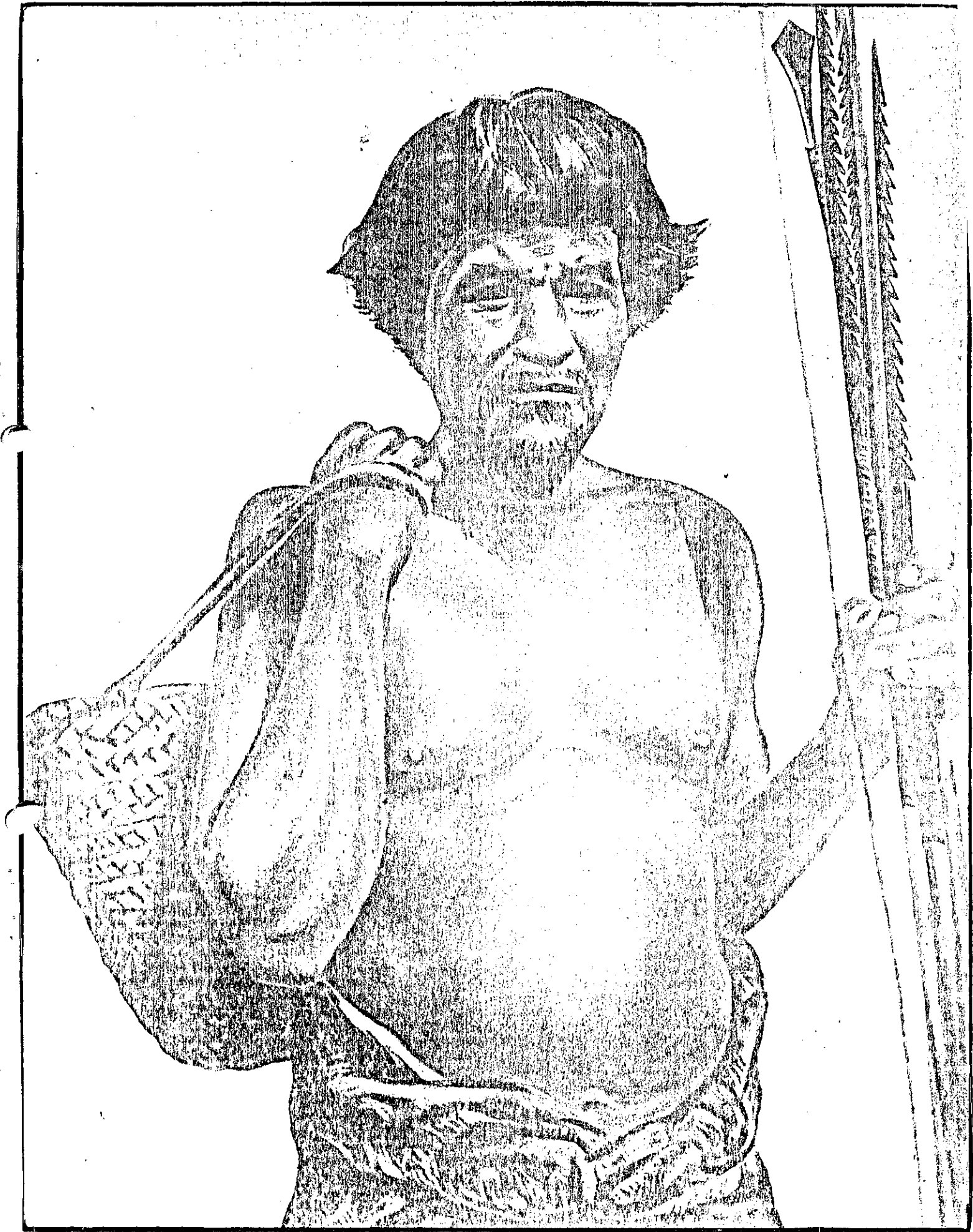
- brasiliens. Kulturgleschi-chtliche for-
schungen., XI., Branschweig.
- IHERING, Hermann von. 1912. A ethnographia do Brasil meridional. A ctas del XVII Congresso Internacional' de Americanistas., Buenos Aires.
- LANE, F. 1938. Notes on the fire-sticke used by some indians tribe in Brasil. Ethnos, III, nº 1., Stockhólm.
- LOUKOTKA, Chestmir. 1931. Les indiens Kukura di Rio Verde-Mato Grosso, Journal de la Societé des Americanis-tes., Paris.
1939. Linguas indígenas do Brasil. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo., v. LIV., São Paulo.
1964. Alguns suplementos ao trabalho "Culturas e Linguas Indígenas do Brasil" (Beitragüe zur volkerkunde sudamerikas/Hannover).
1968. Classification of south american india language. UCLA., Los Angeles.
- LOUWIE, Robert H. 1946. The northwestern and central Gê. Handbook of south american indians. vol. I Washington.
- MAGALHÃES, Amilcar Botelho de. 1921. Impressões da Comissão Rondon. Episódios inéditos e pouco vulgarizados o corridos durante as explorações e nos acampamentos da Comissão Rondon. Rio de Janeiro.
- MAGALHÃES, Basilio de., RONDON, General & BARBOSA, Luiz B. Horta. 1924. Em defesa do índio e de sua proprieda-de. Discursos pronunciados na Câmara. Rio de Janeiro.

- MALAN, General.
1928 A região sul de Mato Grosso. Esboço des-
critivo e estatístico. Revista Militar
Brasileira. Ano XVIII., nº 4 Out-Dez.
v. XXVII.
- MALCHER, José M. Gama.
1964 Índios: grau de integração na comunida-
de nacional. (VIII-Paraguai/ Professor
Eduardo Galvão), Rio de Janeiro.
- MANIZER, Henri Henriknovitch. Música e instrumentos de música de
1934 de algumas tribos do Brasil. Revista
Brasileira de Música. I., 4º fascículo.
(traduzido diretamente do russo por A.
Childe)., Rio de Janeiro.
- MAYBURY-LEWWI, David.
1984 A sociedade xavante. (Akwê Shavante So-
ciety/traduzido por Aracy Lopes da
Silva)., Rio de Janeiro.
- MONTEIRO, John Manuel et alii
1984 Índios em São Paulo. Resistência e
transfiguração., São Paulo.
- NIMUENDAJÚ, Curt.
1932 Apropos des indiens Kukura du Rio Verde
(Brésil). Journal de la Societé des Ame-
ricanistes. NS XXIV., Paris.
- 1932 Idiomas indígenas del Brasil. Revista
del Instituto de Etnologia. Tomo II. U-
niversidad Nacional de Tucuman. v. II.
- 1978 Los mitos de creacion y de destruccion
del mundo como fundamentos de la reli-
gion de los Apapokuva-Guarani (traduzi-
do do alemão por J. Bernadas)., Lima.
- 1982 Textos Indigenistas de Curt Nimuendajú
(Coordenação de Paulo Suess)., São
Paulo.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de.
1968 Urbanização e Tribalismo. A integração

- dos índios Terena numa sociedade de classes. Rio de Janeiro.
- 1978 A sociologia do Brasil indígena. Rio de Janeiro.
- PERET, João Américo.
1975 População Indígena do Brasil. Mapa etnológico. Rio de Janeiro/Brasília.
- RIBEIRO, Darcy.
1951 Notícia dos Ofaié Chavante. Revista do Museu Paulista., vol. V., São Paulo (também In "Uirá sai a procura de Deus: ensaios de etnologia e indigenismo"/1974, do mesmo autor).
- 1982 Os índios e a civilização. Integração das populações indígenas no Brasil moderno. Petrópolis.
- RONDON, Cândido Mariano da Silva.
1916 Missão Rondon. Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas. Rio de Janeiro.
- 1920 Matto Grosso: o que ele nos oferece e o espera de nós. Conferência realizada perante a Sociedade Rural Brasileira São Paulo.
- 1946 Índios do Brasil do Centro, Noroeste e Sul de Mato Grosso. Tribos do Sul de Mato Grosso., vol. I., CNPI.
- 1948 Glossário Geral das Tribos Silvículas de Mato Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil. Tomo I., CNPI. Rio de Janeiro. Publicação nº 76.
- 1949 Relatório dos Trabalhos Realizados de 1900-1906 pela Comissão de Linhas Tele

- gráficas do Estado de Mato Grosso apresentado às autoridades do Ministério da Guerra. CNPI, Rio de Janeiro, (Publicações nº 69/70).
- SCHADEN, Egon.
1954
Os primeiros habitantes do território paulista. Revista de História de São Paulo. Ensaios Paulistas, São Paulo, de 25 de janeiro de 1954, p.6-9
- SIQUEIRA, Joaquim da Costa.
1850
Histórico Chronológico das Notícias de Cuyaba. Repartição da Capitania de Mato Grosso. Revista Trimestral de História e Geografia. trimestre.
- SOUZA, João Batista de.
1960
Evolução histórica sul matogrosso, São Paulo.
- TAUNAY, Visconde de.
1929
El Matto Grosso Invadido. (1866-1867), São Paulo.
- VIANA, Zelito.
1979
Terra dos Índios (Dois programas: Posto Indígena Icatu, Bauru, São Paulo, maio/1978). Embrafilme.

VIII - Álbum fotográfico Ofaié Xavante



índio Ofaié Xavante c/bornal, arco e flecha /Erich Freundt-Rio Pardo/ 1924.



mulher Ofaié Xavante
Erich Freusdt/Rio Pardo, 1924

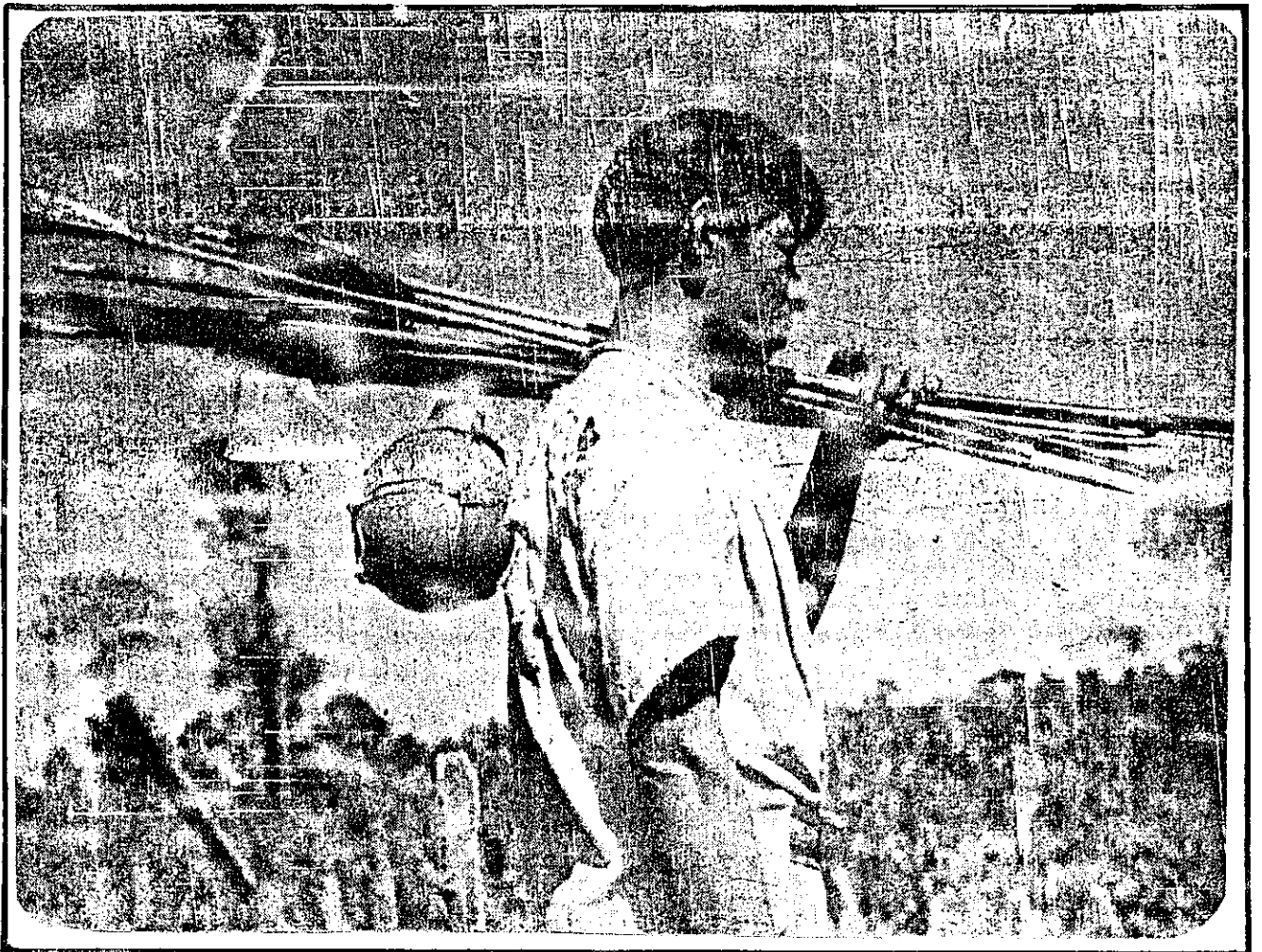


mulher Ofaié Xavante

Darcy Ribeiro/Rio Samambaia-1948



Ofaié Xavante/Rio Samambaia-1948





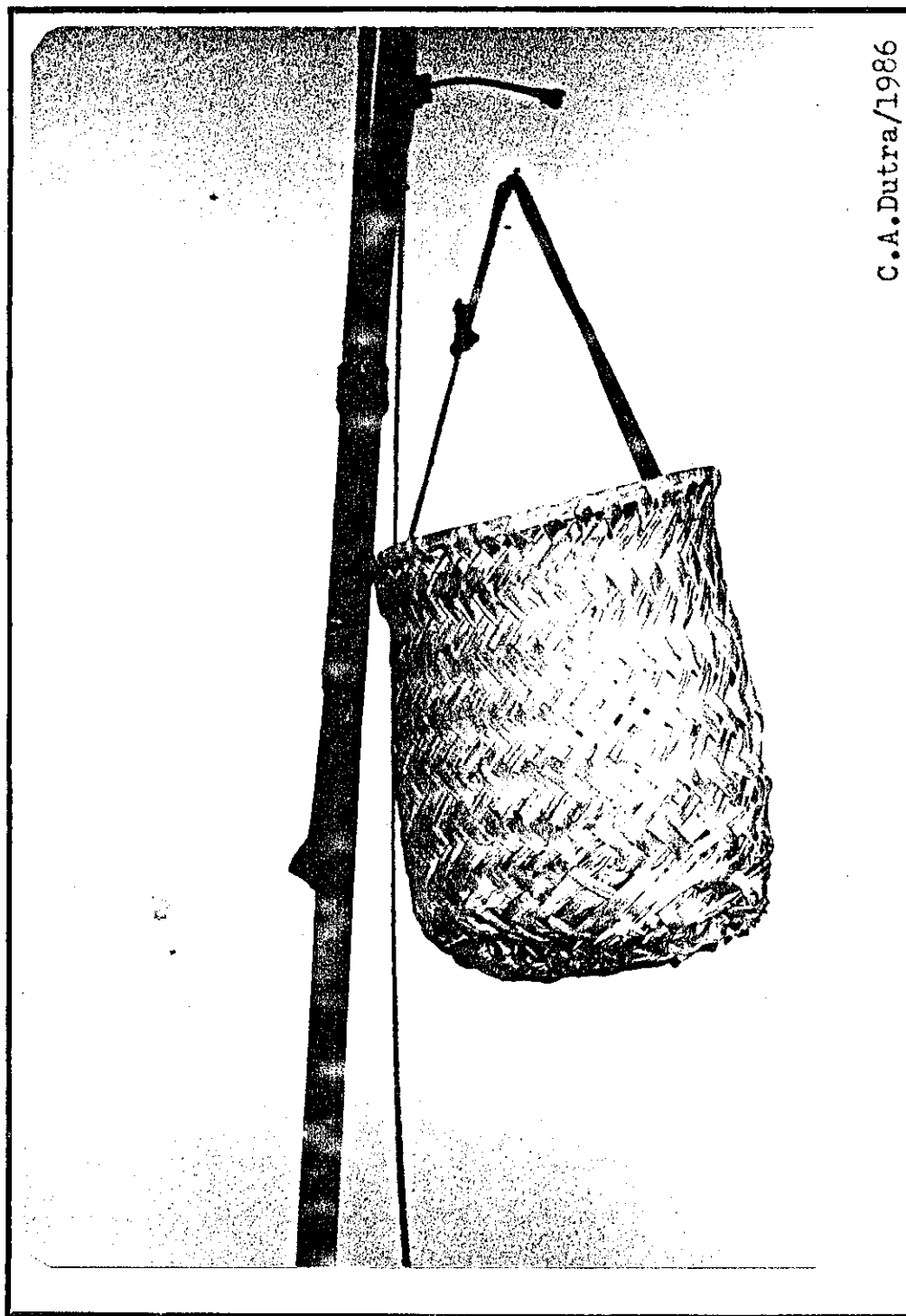
Ofaié Xavante/Rio Samambaia-1948





Bodoquena/Maio/1981
Foto: A. Brand/Rogério





C.A. Dutra/1986

arco, flecha e bornal
Ofaié Xavante/Bodoquena



C. A. Dutra/1986

Ofaié Xavante / Bodoquena-MS



C. A. Dutra/1987

Ofaié xavante /Brasilândia-MS



O. Zimmer / 1987

Ofaié Xavante / Brasilândia-MS

IX - ANEXOS

Carta nº 1

Sábado, 30 de Agosto de 1986
 (O problema de 1978 a 1986)

Comparecer em nossa aldeia o senhor Jamir, coordenador da Ituna (Fundação Nacional do Índio) diz que passamos por uma situação de necessidade, passando fome, vivendo juntos das vacas e tendo que vender a mingua. Ele nos pergunta se não dá para mudar para uma reserva. Onde se tinha índio, doado pelo governo federal, segundo o Jamir, que na reserva já tinha tina mecanizada, casas de madeira, cafeteira, coque e peixe. E não ficamos animados para sair de lá. Depois de tanto já veio o caminhão para nos levar. Um caminhão, uma pikap e um caminhão F. 100. Foi abandonamos a nossa terra atrás de promessas que até hoje nunca foi cumprida, fomos abandonados para nos mudar para o P.V. Turumã e de lá fomos para o Yagantã onde estamos agora desde 1978, passando necessidade, passando fome, terra pequena, desemprego, com a falta de tudo: recurso, medicamento, escola e aposentadoria aos velhos. Se primeiro os antigos que passavam de aposentadoria, só promessa, afinal abandonados, jogados no meio dos invasores. A qual os invasores praticavam relações sexual com as crianças e trouxeram bebidas alcoólicas. Mas os Apaiã, estavam isso um respeito. Agora que os invasores saíram as coisas pioraram, a Ituna sumiu. Precisamos trabalhar, plantar alguma coisa, os nossos filhos precisam de escolas. Fajamos um apelo as autoridades da Ituna que nos abandonou, estamos numa dívida ainda que será de nos na reserva do Kaduru, porém enquanto não se houver a terra onde estamos ocupando vai ser arrendado para os fazendeiros. Precisamos de alguma coisa para que o nosso problema seja resolvido, de qualquer forma.

Índio Apaiã
 Índio Apaiã
 Índio Jamir

CARTA Nº 2

Bodoquena, 9 de Outubro de 1986.

Exmo. Sr.

DD Administrador Regional da 9ª Delegacia Regional
Fundação Nacional do Índio-FUNAI
rua 26 de Agosto, 127
Campo Grande - MS

Prezado Senhor.

Movidos pelo espírito fraterno de colaboração e solidariedade para com os povos indígenas, julgamos ser um dever nosso levar ao conhecimento de V.Excia. o que abaixo se segue:

A região anteriormente ocupada pelos posseiros que foram retirados pelo INCRA no ano passado -no chamado "Vazantão"- , hoje, representa uma pequena área onde conviviam até bem pouco tempo 7 famílias Kaiowá, 6 famílias Ufaíó, 2 famílias Terena e alguns poucos índios Kadiwéu.

Oficialmente circunscritos ao Posto de Vigilância Tarumã (Reserva Indígena Kadiwéu), dois destes grupos -Kaiowá e Ufaíó entretanto, desde a época em que foram para lá transferidos, suas vidas tem sido alvo de toda a sorte de infortúnios. Inicialmente, foram enganados quanto às condições de vida que lhes seriam oferecidas na região: posto de saúde, escola, incentivo à agricultura, nada disso foi cumprido. Depois, foram colocados, praticamente, entre dois "fogos": Kadiwéu e posseiros em conflito, que disputavam a posse daquela região na época. Por fim, após a retirada dos colonos, foram completamente abandonados, uma vez que atualmente o PV Tarumã se encontra a mercê da sorte, tendo suas dependências sido arrombadas e saqueadas.

Nas esta situação, segundo alguns criada por "meia-duzia" de índios delinquentes (que estariam sendo instigados/pagos por fazendeiros), dia-a-dia vem agravando-se. Aos habitantes do "Vazantão" (entre eles, os Ufaíó) são praticadas toda a sorte de violências: agressões físicas, violência sexual, roubo de alimentos e utensílios de trabalho na roça, entre outros. E nestes episódios

sódios, cumpre lembrar, nem a população (branca) envolvente é poupada. Segundo comenta-se, mais de 17 animais de tração e montaria já teriam sido roubados nos últimos meses de moradores da região de Morraria e Tarumã. E todos estes animais, segundo testemunho dos próprios índios, estariam reunidos (prontos para a venda) na Fazenda Santa Lurdes... Por fim, o assassinato do índio Kaiowá Atanásio (também na Fazenda Santa Lurdes), seria a gota d'água na fervera.

Neste paiol de pólvora, os Ofaié (sobretudo por sua característica extremamente pacífica) que já vinham encontrando dificuldades de relacionamento com elementos da mesma região, passam, agora, a ser sistematicamente ameaçados e perseguidos, sendo que a maioria deles deseja sair da área. Um pequeno grupo Kaiowá (3 famílias) teria deixado a área dia 15 de setembro último. Com relação aos Ofaié, onde o Conselho Indigenista Missionário tem a oportunidade de desenvolver um incipiente trabalho de assistência mínima ao grupo, a intranquilidade é generalizada, não deixando ao grupo outra alternativa que não seja a de sair da área. Por várias vezes, por exemplo, tiveram que dormir "no mato" para protegerem-se.

Neste sentido, o CIMI, através de seu missionário junto aos Ofaié, vem solicitar de V.Excia. alguma providência que proporcione o mais rápido possível o retorno destes índios a sua antiga terra, uma vez que este é o desejo do grupo.

A título de contribuição, no Museu do Índio-FUNAI do Rio de Janeiro (CENDOC filme nº 350/planilha nº 036) haveriam documentos relativos a propriedade das terras dos Ofaié que foram na ocasião remetidos para Cuiabá (6ª I.R.). Menciona o documento que "a favor dos índios Ofaié" haveria "traços no terreno" que "seriam facilmente encontrados se buscados por pessoas capazes...". Não haveria a possibilidade de se solicitar uma averiguação na região da Brasilândia (Fazenda Boa Esperança), local de onde foram trazidos os índios em 1978? Sobre documentação, não haveria a possibilidade de se atestar a existência ou não de algum texto demarcatório, ou dar-se início a um processo que objetivaria a busca de uma terra para os Ofaié?

De tudo, resta-nos o pedido de uma particular intercessão deste órgão em favor de uma solução para o pedido destes índios que lutam pelo mais elementar direito do homem, que é o direito a viver. E isto, no lugar onde se encontram atualmente,

está sendo praticamente impossível. Os Ofaié ainda sonham enterrar seus "ossos" (nas palavras do octagenário Alfredo) "num lugar de prância, num lugar praino e tranquilo. Porque este lugar aqui, é o lugar 'prá morrer'!"! Oxalá possamos contribuir (pelo menos) para isso.

Confiantes na possibilidade de uma mútua colaboração neste sentido, pomo-nos ao vosso dispor, aguardando, subscrevêmo-nos

Atenciosamente

Carlos Alberto S. Dutra
p/Missão Ofaié (CIMI-MS)
Moraria do Sul-Bodoquena-MS

e/anexo: cópias xerografadas de

- relação Kaiowá que deixado a área (teriam*);
- notícia do Jornal da Cidade (Miranda),
- Carta do Índio Ataíde Francisco (Ofaié).

Apontamentos Estatísticos.

I.

Índios que se acharam no Laranjalzinho em 7 de Fev. 1913.

N.º	Nome braz.	Nome do campo	anos	observações.
1.	Renato	ŠIERI	40	
2.	Marcelina	KITĒRĒKŪ	40	
3.	Paulino	İĒ.	25	* PAI DO EDUARDINHO CARDOSO
4.	Chiquinha	FİŠOKINTĪ	18	
5.	Roldão	ĒFURĀN	50	
6.	Cecilia	TERŪ	30	
7.	Prozedes	ŠĪĒKĀĒ	5	filha de 6.
8.	Adriano	ŠĪĀĒ	45	
9.	Francalina	NİTŪ	30	
10.		ŠĪĀG	5	filha de 9.
11.	Adão	ARYHĀ	30	
12.	Yzabel	KERĒG	35	
13.	Andorinha	ĒŠĪĒ.	6	filha de 11.
14.	Ambrózio	ŠURĒ.	6	filha de 12.
15.	Cypriano	ŠĪETĪ	5	filha de 12.
16.	Landido	YĀŠERĪ	30	
17.	Patrôcinia	TŪRO	20	
18.		ŠĪKŠĀĪ	6	filha de 13.
19.	Joaquim	NOVIRĪ	25	
20.	Indice	NOAŪ	20	
21.			6	filha de 20.

22.	Aprigio	KĒNEKOĒKIRI	35	}
23.	Marcelina	IEYKIRI	20	
24.	Lauriano	KĒREKĒORÓU	6	} filhas de 22.
25.	Luciano	ĶOUNĒÉ	4	
26.	Miguelino	FYGNĒRÓU	25	}
27.	Chariquinha	FARÍ	30	
28.	Laetano	ŠIARÍ	20	} → PAI DO TOMÉ
29.	Margarida	TAŠÚ	12	
30.	José Braga	ĒKORĒMÉ	25	}
31.	Dignar	ĒKÉE	15	
32.	João	HYHY	29	}
33.	Lucinda	HĒKUTIGRÓN	18	
34.	Colombo	KINÓRO	28	}
35.		YNÁĒ	30	
36.	Belchior	KONGETÍ	30	} irmãs de 29
37.	Rozenda	ŠIENÍ	25	
38.	Sebastiana	HEGNHĀ	30	}
39.	Rozinha	KĒREKISĒRI	5	
40.	Ant. Nante	HAUÁ	45	}
41.	Maria Izidora	KĒTEŠOTÁ	30	
42.	Indiana	IŠĒRĀ	20	} filha de 40.
43.	Sebastião		3	
44.	Teodorico	NIĒ	7	} filhos de 42. mestiço.
45.	Eugenia	PĀ	6	
46.	Elisberis	ŠIEVÉ	20	}
47.	Perciliana	ĒTINGĒTY	25	

48	Castaniáho	KERBU	18	}
49	Lophia	UARI	18	
50	Messias	HÉONH	18	
51	Dionora	KERO	18	
⇒ 52	Gaspar	FERRÁ	25	} → PAI DO ALFREDO / TALECO NO RIO GRANDE E DO JOÃOZINHO
53	Barbara	T	25	
54	Dominga	TERRÓU	5	filha de 52
55	Octávio	OUTÁ	30	}
56	Josepha	TITÁ	30	
57			1	filho de 55
58	Fassilve	ÉÜP	18	} irmãos de 52
59	Madia	ÉUÁ	18	
60	Polybio	ÉIE	20	}
61	Honoraiz	HÉUAIPÁG	14	
62	Miguel	ERANISÁ	16	} Guarani por descendência.
63	Philomena	SISIKU	16	
64	Genovera	ÉNUÉ	60	viuva
65	Generosa	ÉTINGETITÓRO	60	viuva
66	Lissiana	ITI	50	viuva
67	Martinha	ÉTINTYIPÁG	45	viuva
68	Thico Trillo	HITÁ	18	
69	Marcellino	ÉETNÁ	25	
70	Martina	HÉU	25	
71	Marquinhá	ÉUNH	6	irmã de 33
72	Leartião	HARIPÉ	10	

73	Azore	ΑΖΟΡΟ	12	...
74	Paulo	ΠΑΥΛΟΣ	14	...
→ 75	Alfredo	ΑΛΦΡΕΔΟΣ	8	ALFREDO, HOJE COM 82 ANOS
76	Lindolfo	ΛΙΝΔΟΛΦΟ	7	...
77	Raymundo	ΡΑΥΜΟΝΔΟ	10	...
78	Alexandrina	ΑΛΕΞΑΝΔΡΙΝΑ	18	...
79	Manuela	ΜΑΝΟΥΕΛΑ	16	...
80	Emília	ΕΜΙΛΙΑ	35	...
81	Euphrosina	ΕΥΦΡΟΣΙΝΑ	18	...
82	Deolindo	ΔΕΟΛΙΝΔΟ	12	...

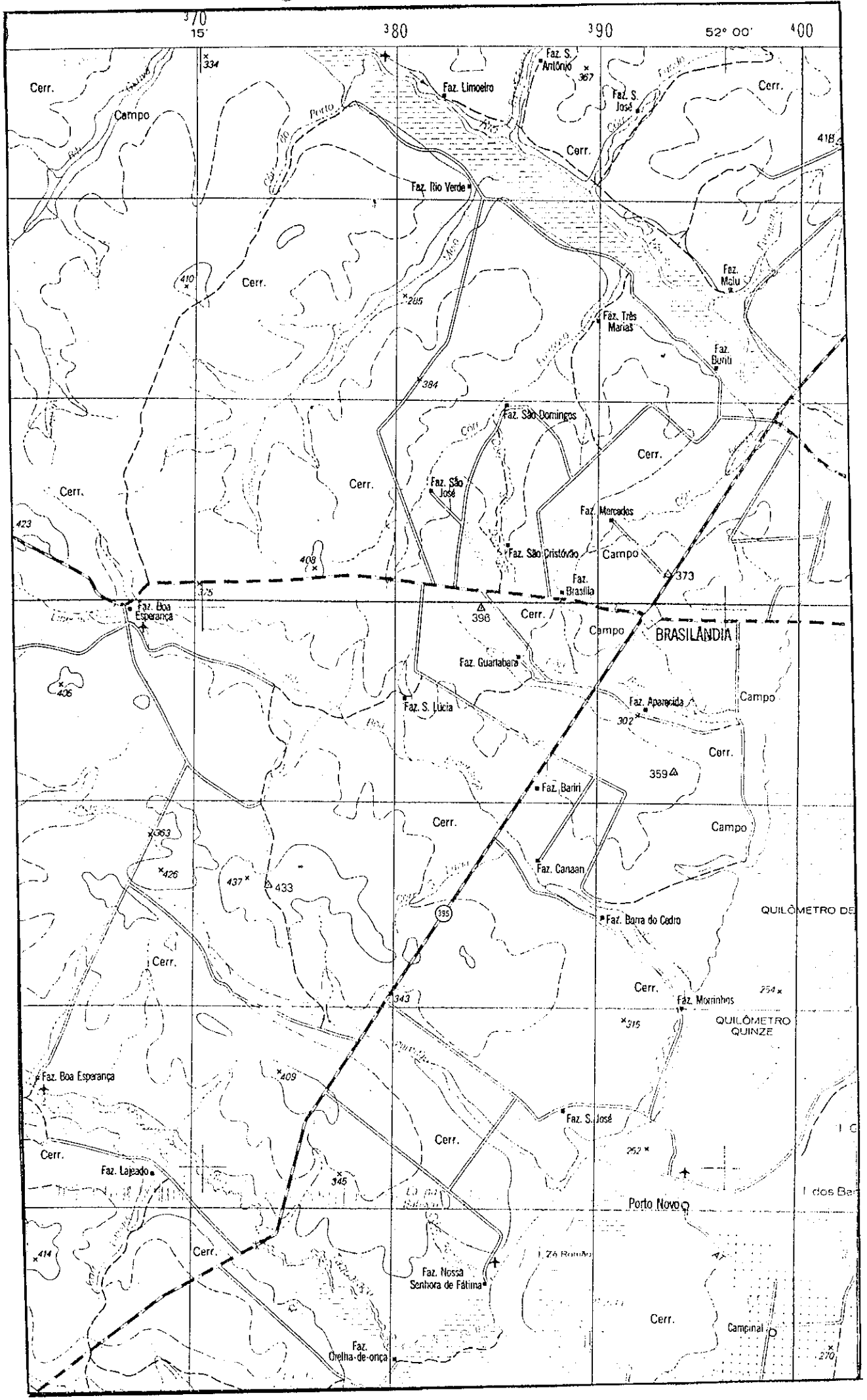
Resumo: Homens casados	23 (2 bigamos)	
solteiros	2	
		25
Mulheres casadas	24	
solteira	1	
viúvas	5	
		30
crianças meninos	18	
meninas	9	
		27
<hr/>		
Total:		52

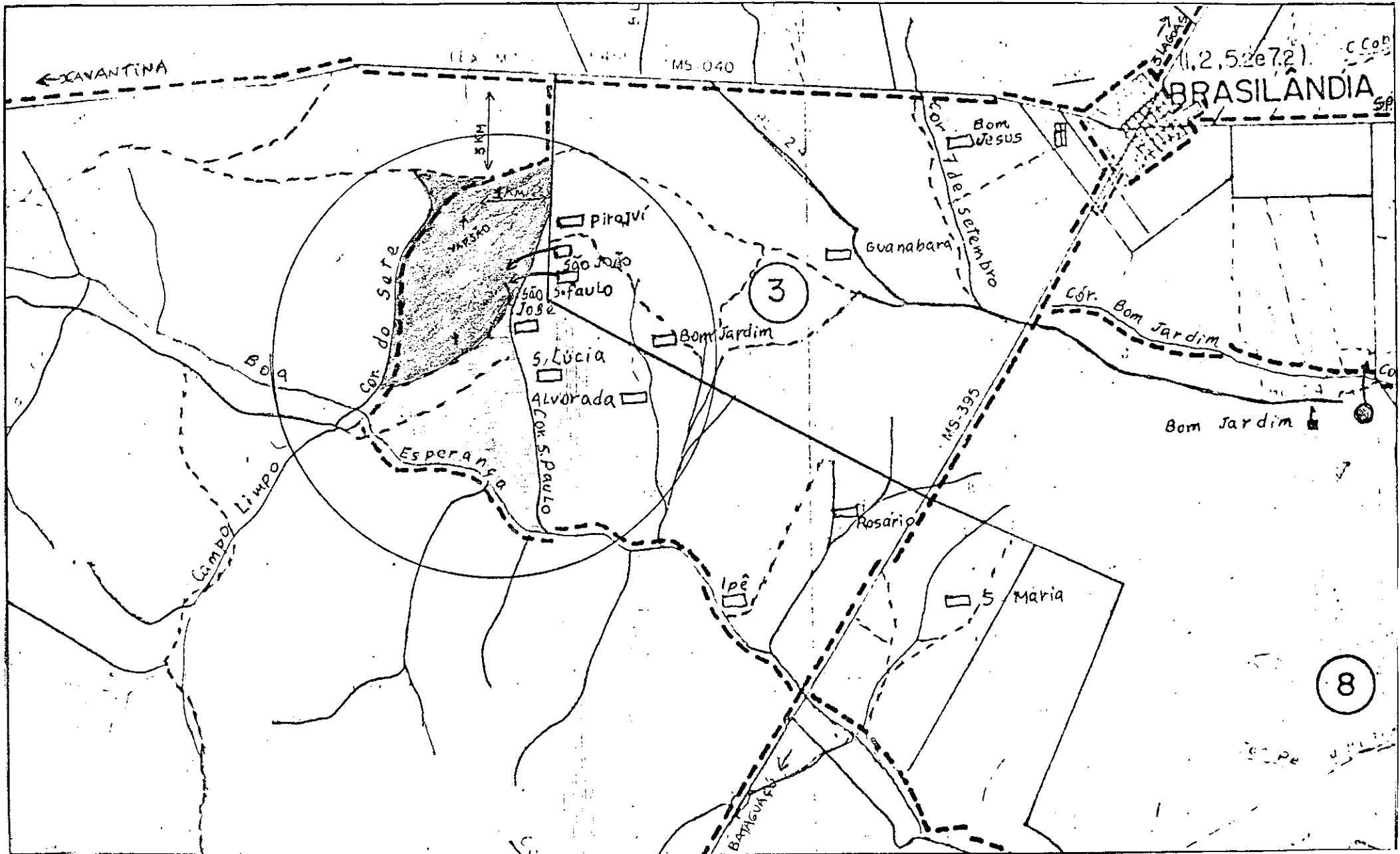
Até ante hontem, quando sahire um grupo de 8 pessoas para o campo, o numero total dos Jaci aqui presentes era de 90 cabeças.

ÁREA DO DECRETO 683/1.924



Município de Bataiporã-MS
Reserva p/ os Ofaié Xavante





Duas vítimas

26/02/87 / Ataíde Francisco / 005

Os passarinhos não cantam mais
Porque estão foragidos
De medo: burlho da maquinação
Que destroi sem piedade
Jogem sem rumo
Deixam seus filhotinhos para trás
Perdem as suas vidas
Sem erro nenhum, meu Deus!
Quanta ganancia por injustiça

É o índio também sofre o mesmo regime
Quando luta pelo o seu direito
Encontra a desgraça imperfeita
Criado pelo o inimigo desconhecido
Que pensa o homem!
Esquece a propria vida
Esquece os proprio filhos
Quando sai para lugares estranhos

Mexer com o índio que nada pensa
Porque está na sua terra:
No seu ranchinho, mesmo sendo esquecido
Pela as autoridades competentes
Que fingem de não saber o problema
Se a decisão chegasse com força:
O índio estava tranquilo
La trabalhar mais sossegado
Sem desconfiança nenhuma
"Índio espera sua oportunidade"